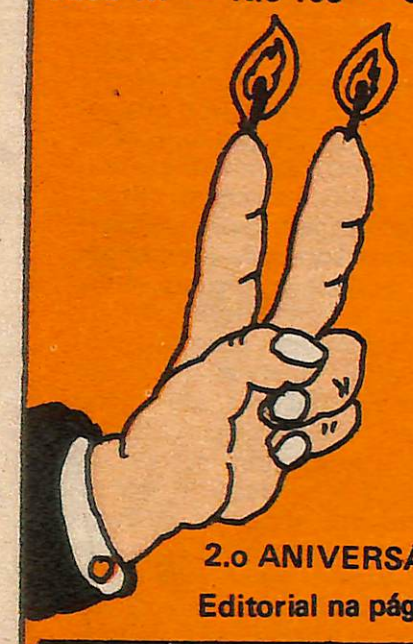
ARQUIVAR

JORNAL DE 2ª FEIRA

4 A 10 DE JULHO DE 1977
ANO III — N.o 106 — Cr$ 2,00



2.o ANIVERSÁRIO
Editorial na página 3

OS NOMES E OS DELITOS DOS ENVOLVIDOS NO DESVIO DE VERBA DO HOSPITAL SÃO VICENTE
Pág. 16



JUNDIAÍ



EX-PREFEITO VAI TER QUE SE EXPLICAR COM O DELEGADO
Pág. 11

AHI MARS

CONHEÇA OS FUTUROS HERÓIS DO NOSSO ESPORTE
Pág. 8 e 9

PAULISTA

CADERNO ESPECIAL:

O QUE HÁ COM ESSE TIME?

ANÁLISE

A OPOSIÇÃO NO HORÁRIO NOBRE

É possível que boa parte da Nação — aquela grande parcela que não lê jornais e que, anestesiada pela desinformação que a televisão veicula num **pacote** de brilharecos de acrílico, luzes e som — tenha reagido com espanto diante daquela cena inusitada da última segunda-feira. De repente, em lugar do charme do casal Tarcísio Meira e Glória Menezes, a grave e sizuda figura de Ulisses Guimarães. Em vez das xaroposas tramas existenciais e dos diálogos acuçarados e acolchoados pela censura, uma voz serena abordando, de forma límpida, os problemas mais graves do País.

Pela primeira vez em três anos, um conjunto de vozes rompendo o coral da retórica oficial, inoculada dia após dia seja nos noticiários emasculados pelos cuidados da censura, seja nas propagandas ufanistas, disfarçadas pelo pretexto da utilidade pública.

Os quatro políticos do MDB — Ulysses Guimarães, Alencar Furtado, Franco Montoro e Alceu Collares — usando das prerrogativas da própria Lei Falcão, que permite duas horas de transmissão gratuita em rede nacional por ano para veiculação dos programas partidários, falaram para a espantosa audiência de 21 milhões de pessoas. E o que disseram eles de novo?

Pela reação que se seguiu ao pronunciamento nas áreas oficiais (o presidente da Arena o achou "subversivo"; o presidente Geisel ficou "chocado"; o chefe do SNI perguntou "mas que diálogo é este?"; o deputado Zezinho Bonifácio desandou em frases histéricas ao seu estilo) pareceria que os líderes oposicionistas tivessem ocupado a rede de rádio e TV para exigir a derrubada do governo pela força das armas.

Na verdade, os quatro líderes do MDB não pronunciaram, em seus sessenta minutos de fala, sequer um adjetivo novo. Não disseram uma palavra além daquelas que os oposicionistas repetem, dia após dia, em seus pronunciamentos na Câmara Federal, nas Assembléias estaduais, no Senado e até nas Câmaras de Vereadores. Nenhuma tese incendiária: criticaram o modelo econômico, pediram a volta do Estado de Direito, criticaram a ausência da plenitude democrática no País, criticaram as medidas anti-democráticas do **pacote** de abril. As mesmas coisas que um velho, aristocrático e conservador líder ruralista como o sr. Sálvio de Almeida Prado, um dos artífices da revolução de março, irritado com a política econômica do ministro Simonsen, vem dizendo todo dia pelos jornais. E o que vêm dizendo a Igreja, os estudantes, os profissionais liberais, os empresários, os cientistas — a Nação, enfim.

A reação oficial que se seguiu à fala do MDB pela televisão, chega a ser grotesca. Em primeiro lugar, porque os pronunciamentos haviam sido gravados, por motivos técnicos, mais de uma semana antes de serem levados ao ar. E os principais jornais do País haviam publicado exaustivos **trailers** das falas dos quatro oposicionistas. Isto é: todo mundo já sabia o que eles iam falar. Em segundo lugar, porque o que seria o mais corriqueiro dos fatos na mais corriqueira das democracias, foi transformado, por força das distorções impostas pela situação que estamos vivendo, num ato de altíssima periculosidade. A Oposição ganhando 60 minutos de rede de TV — a mesma rede que está à disposição do governo durante todos os 60 minutos contidos nos 365 dias do ano — para expor as suas teses ganhou, na ótica dos radicais do imobilismo e do **status quo**, os foros de um ato subversivo.

Na verdade, a melhor explicação para tudo isto, está numa frase franciscanamente simples e definitiva do senador Marcos Freire: "os arenistas não estão com raiva do MDB; estão com raiva dos que o ouviram". E mais raiva ainda por terem sido 21 milhões de ouvintes. E ao que parece, atentos. **Equipe J2a.**

(Esta matéria já estava escrita quando o líder do MDB na Câmara Federal, deputado Alencar Furtado, foi cassado por suas declarações.)

Cidade

À luz dos fatos

A fatalidade é uma parca que ronda sinistramente os passos dos desditosos. A sorte, esse fator incontrolável da vida, tem caprichos que os milênios não lograram explicar. A sabedoria, a experiência, a maturidade ou qualquer faculdade maior de que possa ser dotado, o homem é um simples batel no mar encarpelado dos contratempos; um impotente face os azares que o açoitam na curvatura da existência. De balde a perspicácia ou os recursos da ciência tentam interferir como meios de defesa ao estígma do infortúnio ou da desgraça. Cuidado e caldo de galinha - reza o jargão - não fazem mal a ninguém. De fato. Mas não açaimam o destino nas suas determinações egolatras e inexoráveis. Daí, como acacionamente nos ensina outro aforismo, para morrer basta apenas que estejamos vivos. Quer doutos, quer simplórios, a nenhum de nós escapa o conhecimento dessa assertiva.

Outra coisa que também não ignoramos, qualquer que seja o nosso grau de cultura, é que a lei há que sempre ser cumprida como nela se contém e declara; e que o Regulamento do Trânsito se enfeixa no contexto de uma lei. Ao guarda em serviço, ipso-fato, é dever implícito e indeclinável fazer com que seja respeitada em favor da ordem pública. Ao infrator o Código disciplina com multas e outras punições que vão até a cassação da carteira de habilitação. "Magister dixit".

Dentre enumeráveis acidentes graves que o cotidiano nos mostra na cidade, dois deles, pela inusitada parecença como ocorreram, deram ensejo a estas nossas observações.

A 15 de outubro do ano transacto, um jovem foi atropelado na Avenida Jundiaí, de cujo desastre resultou-lhe fraturas expostas em ambas as pernas. O móvel do sinístro foi a perseguição implacável exercida por um guarda durante longa caminhada que durou desde a embocadura da estrada velha de Campinas até a altura do Parque Antonio Carbonari.

Na noite de 22 p. f. uma atoarda aterradora invadiu célebre as ruas e os lares para anunciar outra tragédia na fatídica avenida do Córrego do Mato. Infletindo em alta velocidade por aquela via deserta. um automóvel derrapou, tombou e chocou-se contra um poste, levando a morte ao mais inditoso de seus três ocupantes.

Quer no primeiro caso em que a vítima pilotava u'a motocicleta, como no brutal acontecimento do dia 22, por incrível que pareça, não foi a imperícia que deu motivo ao desastre, mas a porfia persecutória de guardas despreparados para a dificil missão de fiscalizar as ruas públicas. Ninguém ignora que meia centena de jovens da sociedade jundiaiense fura diariamente a fiscalização dirigindo veículos motorizados sem a competente carta de habilitação. São transgressores, claro que são. Mas não são imperitos. Infere-se, portanto, que as penas a que estão sujeitos, são apenas as penas da lei. E, no contexto de seus dispositivos, a lei não inclui perseguição. Não são delinquentes ameaçando a sociedade e sim rapazes a ela pertencentes dirigindo veículos sem a necessária permissão. No Código de Trânsito estão previstos os meios para o seu refreiamento. Basta usá-los com serenidade.

Em ambas as ocorrências aqui apontadas, os oficiais do trânsito foram os agentes culposos do sinistro, porque os infratores, na tentativa de safarem-se ilesos, evitando a apreensão do veículo, disparam em corrida desabrida despercebidos da iminência do perigo.

Hoje, uma família imersa na mais calorosa consternação pranteia a ausência do ente querido, enquanto que os nossos guardas, insensíveis à dor alheia, continuarão de alcatéia a espera de novas presas com que saciar o seu sadismo policial.

Ou, quem sabe, se por um ditame dos fados, a vida que a cidade pranteou tenha sido ceifada em holocausto a um comportamento mais adequado na repressão ao desrepeito dos jovens, malgrado o Código de Trânsito. Oxalá.

Elcio Vargas

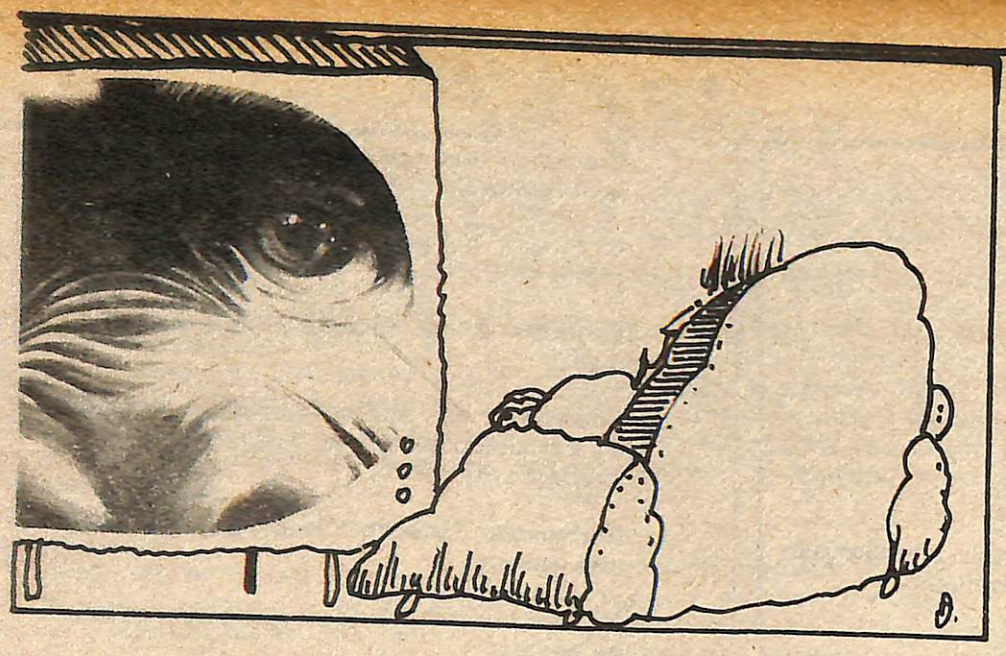
Papo Furado

A meta é o pombo

Desde o dia que seu Ibis deixou a Prefeitura, o progresso empacou. Não temos feito mais nada. Estados vivendo o cúmulo da pasmaceira. Nem impostos mais vamos cobrar. Está congelado. Ao invés de construir pensamos derrubar. A ponte torta vai pro beleléu e no lugar dela não cogitamos plantar mais coisa alguma. Aquele patrimônio histórico que remonta ao tempo dos bondinhos a cavalo, vai a pique para que possam passar mais da vontade as águas rolantes do Guapeva. Pieguice, só pieguice. As ditas águas, engrossadas do jeito que estão, bem que podiam ser aproveitadas para adubar as hortaliças adjacentes. Nesse caso nem precisaríamos derrubar o monumento. Mas se não se puser o cujo abaixo, o que é que se vai fazer? P'ra construir, não há grana. Os empréstimos não deram pra cova dos dentes. Os setenta milhos arrumados pra fazer cem quilômetros de asfalto não chegaram pra dez. A marginal ribeirinha continua em compasso de espera. Seu Ibis não deixou um só centavo na burra. Agora, pra tirar o pé do lodo só se o Fávaro topar um casamento morganático com a Ebeteú. Aí, sim. A noiva já entra de cara com um dote de oitenta bi. Mas ele está arrepiando carreira. Prefere o celibato a um amarramento duvidoso. Tem medo da incompatibilidade de genios e o divórcio ainda não foi regulamentado. Ademais, na compra do cavalo há uma peninha atrapalhando. Teria que aguentar a sanha pantagruélica da sogra, u'a megera que na pia batismal recebeu as águas lustrais com o nome de Gutierrez. É aí que pega o carro. Ele (o Fávaro,) quer casar, mas como se diz no jogo do patrão-e-soto, tem que ser a limpa queixo, isto é, sem contrapeso. E a Ebeteú, por seu turno, também já sentenciou: ou aceita a bruxa no pacote ou não se festeja Himeneu.

Ora aí está. É ou não é o caso de se dizer que assim, sim, mas assim, também não?

Voltando à conversinha que começou este papo, tornamos a dizer não há grana e por falta da dita também não há muito que fazer. Daí, vai-se colocando uma lampinha aqui, cobrindo um buraquinho ali, fechando um vazamento acolá, até que se amealhe uns caraminguás para as coisas mais relevantes. Como é obvio, não se pode cruzar os braços. Por enquanto vamos embelezar a praça dos aposentados, em cujo centro Ibis plantou um poste "pour apeter les bourgeois", quer dizer, com propósitos patrioteiros que não redundaram no faturamento imaginado. No momento, malgrado a bicudez do tempo, estamos construindo um bebedouro para os pombos. Que felizardos! Enquanto que nós próprios, na canícula, não iremos ter água no chuveiro, eles, os privilegiados, estarão se banhando na línfa fresca e remoçada que esguicha elegantemente num jorro ininterrupto e perdulário. E dessarte, o progresso, como na era ibismática, prossegue vertiginosamente explodindo de minuto a minuto. **V/2.**



SOBRE GORILAS

Liguei a tevê, acomodei-me feito um pachá no sofá e aguardei, com a excitação de um garoto de oito anos, o plim-plim que anunciaria o "Cinema Especial" daquele sábado.

Plim-Plim, mais um campeão de audiência. . . versão brasileira . . . e lá estava no pequeno vídeo da tevê portátil o mesmo letreiro que há trinta e tantos anos fizera meu coração pulsar mais forte nas veias do pescoço: King-Kong, a oitava maravilha do mundo.

Num reflexo nervoso minha mão procurou o maço de cigarros que eu colocara ao lado, mas quando ela chegou de volta à boca já não era um cigarro que trazia, e sim pipocas. E à medida que eu mastigava as pipocas o quadro da tevê crescia, e logo não era mais mais o vídeo de dezesseis polegadas, mas a tela gigantesca do Politeama. E o sofá se multiplicara em centenas de poltronas de madeira, onde garotos que eu não via há muito tempo estavam sentados, mastigando nervosamente suas pipocas. E quando alguém, de repente, abriu a porta de um dos camarotes lá em cima, nós todos gritamos "Feeecha!", revoltados pela luz que clareou a tela, nos roubando um instante da visão da linda moça loira que, cenas mais tarde, estaria sendo carregada semi-nua pelo gigantesco gorila, nos enchendo a cabeça com fantasias de aventuras e sexo que nos acompanhariam durante semanas, meses depois, nas brincadeiras de rua e na solidão dos lençois, respectivamente.

Terminado o filme, as luzes do cinema já acesas, senti uma sensação estranha, me pareciam infantis demais os comentários a respeito do gorila. Senti, então, uma pressa enorme em voltar para casa e ouvir a conversa dos adultos, aquelas conversas que meu pai e meus tios vinham repetindo todos os domingos à noite.

Tive sorte ao chegar em casa. Lá estavam eles, os adultos, falando sobre as mesmas coisas – que até então eu não entendia, nem me interessavam, mas que agora me levavam a sentar ali junto deles e ouvir com atenção. Falavam a respeito da ditadura e eu entendi que era esse o regime vigente. Falavam da polícia política prendendo gente cujo grande crime era discordar do cerceamento da liberdade, do fechamento do Congresso. Falavam das torturas praticadas contra intelectuais, da censura imposta a livros, a programas de teatro e rádio. Falavam do Departamento de Imprensa e Propaganda impingindo curtas-metragens oficiais antes de todos os filmes, nos cinemas. Falavam da suspensão das eleições e da nomeação de governadores (interventores, diziam eles) nos estados e nas prefeituras.

Naquela noite, não consegui dormir. Estava revoltado com todas essas injustiças que se praticavam contra os adultos. E tomei uma decisão: não iria mais à escola. Porque nenhuma dessas coisas, nenhuma dessas verdades que entristeciam os adultos eram faladas na escola. Ao contrário, ali me ensinavam que tudo ocorria às mil maravilhas. Que o verde das nossas matas, o amarelo do nosso ouro, o azul do nosso céu e o branco da nossa paz viviam agora o seu esplendor. Que o gigante adormecido havia despertado.

E aí as imagens começaram a se confundir, e o gigante era King Kong que despencava do alto do edifício, e a multidão lá embaixo era meu pai e meus tios a correr apavorados, e o gorila caia sorridente sobre eles e os esmagava e. . .

Acordei de um pulo, simultaneamente com o plim-plim da tevê anunciando outro campeão de audiência no pequeno quadro da tevê. Instintivamente levei minha mão até o maço de cigarros e lá estava ele. E ali estavam o sofá e a sala e todos os objetos reais que me traziam de volta ao presente.

Levantei-me, desliguei a tevê e procurei o jornal. Estava sobre a mesa, como de costume aberto na página de variedades, onde meus filhos sempre procuram encontrar um programa para as suas noites. Encabeçando a página, em letras garrafais, vi o anúncio do próximo sucesso de bilheteria: King Kong, nova versão.

Não sei porque, mas senti muita pena dos garotos.

Erazê Martinho

EDITORIAL

Prezado leitor.

Este modesto jornaleco está completando, esta semana, dois anos de vida. Boa ocasião para um pequeno balanço: valeu a pena conviver conosco durante 106 semanas?

Para ajudá-lo a fazer as contas, achamos que é sempre bom lembrar o que somos e o que queremos.

Nós somos contra as ditaduras. Vermelhas ou coloridas, de esquerda ou de direita.

Detestamos mentiras. Principalmente as que são atiradas ao povo como se fossem nobres verdades. Pois essas são as piores.

Podemos ter compreensão e tolerância diante de um gatuno ou um trombadinha. Mas não compreendemos nem toleramos ladrões de casaca, corruptos, enganadores, exploradores do dinheiro público e do interesse popular. Pois aqueles são produtos da miséria e estes perpetuam a miséria. Abutres de olho na carniça.

Repudiamos a censura à expressão do pensamento. Como não repudiar uma instituição assim, que pode produzir bem comportados robôs, mas nunca cidadãos?

Desprezamos a imprensa vendida, escrava, mesquinha. A imprensa prostrata aos pés dos poderosos do momento, sedenta de favores e verbas oficiais. Pois a ela não importa saber o que pensam e o que fazem os poderosos de hoje, nem o que pensarão ou farão os poderosos de amanhã. Só as verbas interessam. Desprezamos essa imprensa que engana.

Desconfiamos dos tecnocratas. E como não desconfiar de quem não tem idéias nem ideais, mas apenas patrões?

Nós queremos a democracia. E a queremos sem nenhum adjetivo. Apenas democracia: partidos livres, eleições livres, Judiciário livre, Legislativo livre, governos escolhidos livremente. Autoridade consentida e não imposta. Acima de todos e de tudo, apenas a lei.

(Tudo isso está ultrapassado? Anacrônico? Utópico? Pois então somos ultrapassados, anacrônicos, utópicos. Mas continuaremos lutando. Mesmo porque muitos democratas já ouviram essa conversa antes).

Buscamos a verdade. Quando a encontramos, publicamos.

Não temos ódio, mas exigimos justiça.

Respeitamos a consciência e a inteligência de cada leitor. De cada cidadão. A ele deve caber o julgamento final. Sempre. Por isso somos pela imprensa livre, pela opinião livre, pelo debate, pela luta das idéias.

Para nós, é uma questão de direito e de dever.

E este pequeno jornal tem o direito e o dever de investigar, criticar, denunciar. Todas as semanas.

Por isso somos tudo isso.

E continuamos assim, nesta semana em que o **Jornal de 2a.** completa dois anos de vida e de luta.

Dois anos, desde que um grupo de cidadãos resolveu unir-se para enfrentar o poderoso esquema que levou Jundiaí à penosa situação de agora.

Ajudamos a cidade a despertar do sonho enganoso de um falso progresso. A consciência coletiva afastou o mal e o derrotou nas urnas.

Só que eles continuam por aí. Como continuam muitas das coisas e das situações que repudiamos.

Continuamos também. Chatos, irritantes às vezes, no incômodo papel de agente ativo dessa consciência coletiva, que às vezes se descuida e adormece.

Por isso continuamos.

Cutucando, sempre.

Fique Sabendo

TELEFONES - Não se esqueça: vence nesta segunda-feira, dia 4, o prazo para pagamento (na rede bancária) das contas referentes a abril.

INPS - Já estão sendo trocados os 4 milhões e 500 mil carnês dos aposentados e pensionistas do INPS. Com o novo modelo, segundo o INPS, o beneficiário terá maior segurança e rapidez no recebimento dos benefícios. A distribuição está sendo feita pelas agências bancárias onde os segurados já costumam receber o pagamento. O prazo de vigência dos novos carnês será de seis meses e não de um ano, como acontecia antes, de modo a unificar a data de troca tanto para aposentados como para pensionistas. No dia 1.o de agosto, data em que os beneficiários começam a receber o pagamento referente ao mês de julho, perderá também validade o cartão de identidade, que era apresentado quando do recebimento do benefício. Em seu lugar poderá ser usada a Carteira de Identidade, Profissional, Título de Eleitor ou qualquer outro documento reconhecido por lei.

CRÉDITO EDUCATIVO A partir de 1978, só serão aceitas inscrições de vestibulandos, por entender a Caixa Econômica Federal que os estudantes carentes, cursando as universidades, já tiveram tempo suficiente para se candidatar. De acordo com o Ministério da Educação, o programa de crédito educativo, instituído no começo de 1976 para as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste e no segundo semestre do mesmo ano para a região Sul, já atendeu a 283 mil, 918 estudantes - isto é, 21,2% dos 1 milhão, 338 mil universitários brasileiros.

PIS-PASEP - Quem nasceu em janeiro e fevereiro já pode sacar este mês o "14.o salário". Desde que receba menos de cinco salários mínimos. (Informações para esta seção: **Jornal de 2a. feira,** seção "Fique Sabendo", Rua Senador Fonseca, 1.044; publicação gratuita)

PALAVRAS

"Nesse negócio de Esquadrão da Morte só foram condenados os pés-de-chinelo". (Procurador Hélio Bicudo, em entrevista ao Pasquim n.o 415)

"A ameaça subversiva de que tanto se fala existe contra todos os governos, em todos os tempos e todos os países. Evidentemente, é sob sua invocação que se mantém o regime de opressão. Foi assim, aliás, que Mussolini conseguiu estabelecer o fascismo e Hitler o nazismo. É o mesmo argumento usado agora". (Advogado Sobral Pinto, um dos líderes liberais mais respeitados do Brasil, Jornal da Tarde, 22/6)

"Existem 26 espécies de discos voadores. Uns com formas de trombetas, outros como charutos, outros ovalados. Eles estão esperando um chamado. A frota deles tem 20 mil discos. Só acontecerá no dia do Juízo. Nós estamos sendo julgados. Nixon foi julgado. Todos estão sendo julgados. O escândalo Watergate foi tudo mentira. Está tudo errado. Dez por cento da humanidade estão com a verdade. Vinte a trinta por cento estão procurando a verdade e de cinquenta a sessenta por cento estão vivendo na mentira". (Elvira Pagã, em entrevista à Tribuna da Imprensa, do Rio)

"Todo mundo que nós já desquitamos vai voltar agora para regularizar seu divórcio. Pra nós, o divórcio não vai passar de um desquite com correção monetária". (De um advogado que prefere se manter no anonimato).

"Sou contra o uso imoral do cargo público. Para mim, a coisa pública deve ser tratada com respeito místico". (Francisco de Assis Oliva, Jornal de 2a. Feira, semana de 20 a 26/6)

"A gente tem tão pouca coisa aqui na terra, pelo menos deveria ter o próprio pensamento. Nisso o Brasil está no berço, menos, enrolado nos cueiros. Sinceramente, não encontro valor literário nos meus livros, aquelas descrições bonitas, etc. Meus livros têm o valor da mensagem. O brasileiro quer a realidade. Você já viu, quando se fala em verdade todo mundo fica alvoroçado. Os censores estão muito antiquados, são lá de 1.800, quando São Paulo estava cheia de carroças. A censura é do tempo em que se andava de carroça de burro". (Adelaide Carraro, escritora, Folha de S. Paulo, 20/6)

"Se eu fosse pedir indenização ao governo federal, a censura abriria falência e o chefe da censura, o Rogério Nunes, precisa de emprego, né?" (Mesma escritora, mesmo jornal)

PUFS

Cancela é uma espécie de censura instituída pelo Funrural.

Mordaça é um garçom que serve comida aos presos políticos.

Esfíncter é um super-herói que morre de medo.

Conchavo é um molúsculo comumente servido em almoços onde se celebram os grandes contratos oficiais.

Borburinho, segundo a lenda, amava a mula-sem-cabeça.

Basco é um time espanhol que ganha, na bola ou no tapa.

Vinde A Mim foi um bispo africano brutalmente assassinado.

Petrônio Potela foi o primeiro ganhador do concurso de fantasias realizado na arena do Coliseu.

George Orwell, em inglês, significa "tudo bem".

Ciranda era a brincadeira favorita do narigudo Bergerac.

Cabaça foi uma ritmista nordestina que morreu virgem.

Orixá foi um persa que transava macumba.

Vexame é um zangão que jamais consegue fertilizar a abelha-raínha.

Niki Lauda é uma fórmula de açúcar que dá excelentes resultados.



AH MABS

RELATÓRIO A EL REY D'UM ESPELHO MÁGICO.

Alvíssaras, Del Rey!

Destas estranhas plagas volto a vos escrever, após longo silêncio, que este seu servo ousa justificar como fraquezas da carne, eis que, amado senhor, povoam estas terras, diabólicos seres que o sol amorena com seus raios e a cujas carícias nem Vossa Majestade ousaria resistir, e que nem este vosso humilde servo jamais terá a ousadia de relatar-vos.

(Peço-vos, nobre senhor, que não relateis a Sua Majestade, a Rainha, estes meus excessos verbais, pois que como há Vossa Majestade de reconhecer, assuntos há que só entre homens devem ser comentados, para que não caiam no bisbilhote da Corte, caminho assaz curto aliás para os ouvidos de minha saudosa (e por que não dizer querida, porém zelosamente ciumenta) consorte, que a graça de El Rey a tenha em santa paz, assim como a meus oito fedelhos, a cujos ávidos estômagos estou aqui a prover, como bem sabeis).

Pois bem, Majestade. Permitida que me foi por sua infinita e sábia tolerância essa pequena ementa passional a minha oficial missiva, passo a relatar-vos, daqui por diante, o motivo que prepondera nesta.

Eis que, como a missão principal deste seu servo, é o de relatar-vos ocorrências que por aqui venham a ocorrer, e que possam por sua mesma força vir a significar razões relevantes de Vossa preocupação, passo a relatar-vos, tal e qual como foi ocorrido, fato que há certamente de trazer à vossa Real cabeça motivos de cisma.

Há de lembrar-se Vossa Majestade (e se não se lembrar a isso se me atribua a culpa, uma vez que as missivas — bem devo reconhecê-lo — têm um tanto escasseado) dos relatos que por este meio vosso servo prestou a respeito dos estranhos usos e costumes desta gente a respeito de infindas coisas, uma das quais, como bem vos disse, é uma estranha caixa onde se sobressaem imagens falantes e que o vulgo apodou de televisão. Eis que, como bem sabeis, tal engenhosa máquina multiplica pelas casas dos aqui habitantes estranhas histórias de intrigas amorosas e de prélios ditos futebolísticos, coisas aos quais os habitantes daqui dedicam ímpar atenção.

Eis senão que de repente, ao perpassar de uma dessas jornadas, quando as famílias reunidas em volta do demoníaco aparelho aguardavam com serena paciência os acordes musicais e as imagens que frisam, dia após dia, o relato de tais intrigas amorosas, sucede o imprevisto dos imprevistos. Tais intrigas tardam a aparecer na mágica tela, e sem prévia advertência, formosas senhoritas e garbosos donzéis são substituídos por vetustos e graves senhores em nada versados nos relatos galantes que o povo tão ansiosamente aguardava.

Há de imaginar Vossa Senhoria as exclamações de espanto das velhas senhoras matronas, das suaves donzelas e das trêfegas crianças que povoam as salas de estar, e se reúnem, dia após dia, ao pé do estranho espelho, ao ver surgir na chamada tela, outros que não seus destemidos heróis. Ouviu-se, sem nenhum exagero, que este vosso fiel servo não é dado à contrafacções da verdade, e nem haveria de cometer tais indignidades com seu querido amo e senhor, um súbito tropel de Ohs!

E tal espanto ia crescendo e de tal forma crescendo que ao meu controle escapava à medida em que os vetustos cavalheiros, alguns deles até mesmo desprovidos de simples encantos, como modestas e bem arranjadas cabeleiras, desandaram a dizer, sem nenhum reproche e sem nenhum pejo, palavras duras e desarmoniosas com as palavras que este bom povo ouve diuturnamente em seu cotidiano labor, ouvir e andar. Palavras em desafino! Palavras em desacordo! Vossa Majestade há de bem imaginar o que isso possa ser? Há de?

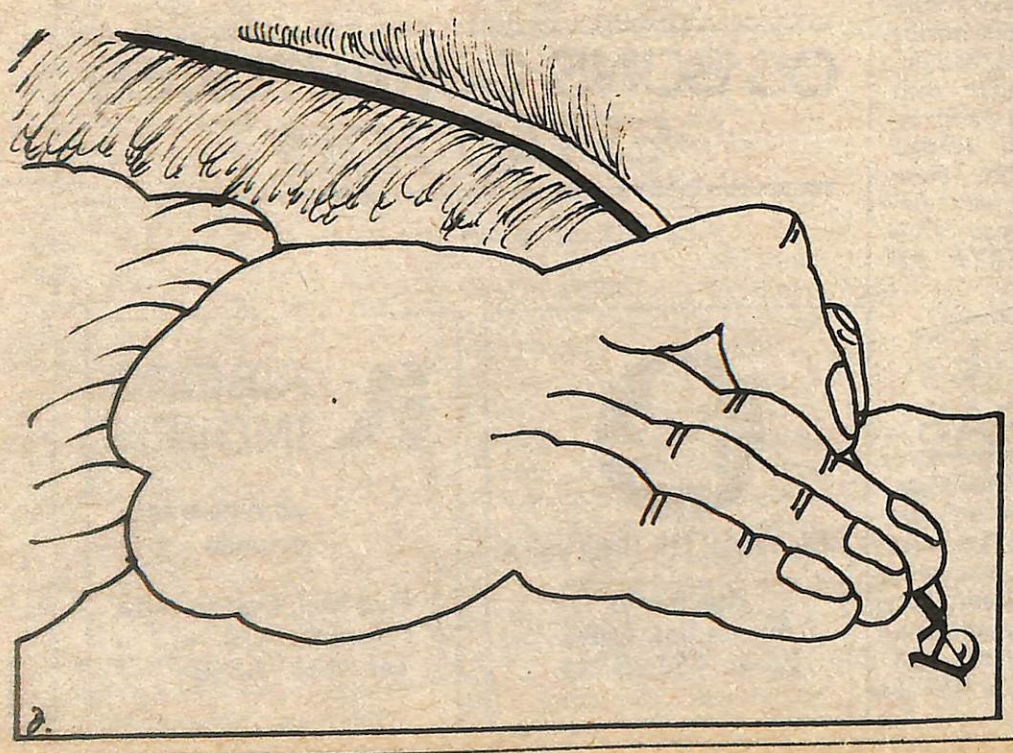
Pois por inteira hora andaram tais intrujões desancando as reais determinações do reino daqui! Por inteira hora, meu senhor, e só tecendo desarmonias e desacordos!

Houve este vosso humilde servo por bem relatar-vos tão inusitado fato a fim de que, conhecedor mais profundo dos usos e costumes desta gente, trate de prevenir-se contra tais soezidades em nosso reino. Ainda que bem esteja certo eu de que, se tal ousadia entre nós fosse tentada, bem saberia Vossa Majestade, com os penhores dos éditos reais, reconduzir os heréticos e seu devido posto, que outro não pode ser que não o degredo e a ignomínia.

E há quem aqui, felizmente, como este vosso criado pense.

No aguardo do que possa vir a suceder, despede-se este vosso humilde servidor, ainda sob o efeito de tão avassaladora ignomínia, que os Céus hão de reparar.

Sandro Vaia



PLANTÃO

I

O sargento Freitas dirigiu o Opala do Poder Judiciário no qual o juiz-corregedor dos Presídios e da Polícia Judiciária, Renato Laércio Talli, e eu, fomos ao Manicômio Judiciário. O percurso de 45 quilômetros da Capital até lá foi percorrido com rapidez, na manhã de terça-feira última, para um dia que foi muito emocionante para mim.

II

Existem mais de 1.200 pacientes internados no Manicômio. E terça-feira era um dia muito importante para eles. Talvez seja uma banalidade para nós, aqui fora, mas para eles é um acontecimento no qual se pensa durante o ano inteiro: a festa junina dos psicóticos.

III

O apresentador da festa foi C., um advogado que dá aulas para o Mobral dentro do Manicômio. Pensei, a princípio, que fosse um servidor abnegado; depois soube que se trata de um paciente que degolou o próprio pai, anos atrás.

IV

Os psicóticos apresentaram o seu show, com sambas, guarânias e outras músicas. O cantor e apresentador da TV Moacir Franco cantou durante quarenta minutos, e os psicóticos aplaudiram, gritaram "bis" e, aparentemente, ficaram fascinados. Pediram, especificamente, algumas músicas. Foram palmas, calorosas palmas de uma platéia incrível, que deixou o cantor emocionado — e os pacientes do Manicômio muito mais. Afinal, foram tratados como seres humanos...

V

A internação no Manicômio, que é feita por determinação judicial, é decidida nas seguintes hipóteses: a) para cumprimento de medida de segurança detentiva aplicada a irresponsáveis (artigo 91 do Código Penal); para exame de sanidades mental (artigo 150); provisoriamente (artigo 80); para tratamento, conforme os artigos 33 e 83, do Código Penal, e 682, do Código de Processo Penal.

VI

O juíz-corregedor, Renato Laércio Talli, agradeceu a presença de Moacir Frnco e dirigiu calorosas palavras aos pacientes do Manicômio.

VII

Encontrei, novamente, J.A.P.C., o chamado "luz vermelha" dos anos 60. Suas penas, somadas, atingem o ano de 2.200. Está isolado, com varizes nas pernas, e restabelecido da tuberculose que o afetou quando estava na Penitenciária do Estado. Só diz coisas completamente sem nexo. Reduziu-se a um trapo.

VIII

Reencontrei R.P.S., o Pelezinho, ex-campeão brasileiro de boxe, na categoria dos leves. Foi minha primeira reportagem, e sendo a primeira não posso esquecer: trabalhava no semanário "Ringue", especializado em boxe, e fui fazer a "cobertura" do embarque da delegação brasileira que iria participar do campeonato sul-americano de boxe. Pelezinho, naquela época, era uma "estrela".

Anos depois, um boxeador estrangeiro, Cañete, o colocaria a nocaute com extrema violência, atirando-o para fora do ringue. Daquele dia em diante, Pelezinho nunca mais foi o mesmo. Encontrei-o, anos depois, na Casa de Detenção, cumprindo pena por autoria de lesões corporais.

Agora, Pelezinho está no Manicômio Judiciário. Tem momentos de lucidez. Encontrei-o num desses momentos, na sua cela isolada, chamando-me pelo nome e dizendo que "um bom advogado" o tiraria dali. Os médicos dizem o contrário.

IX

Já escrevi aqui e repito: o Manicômio é um estabelecimento diante do qual o filme "O estranho no ninho" se transforma em limonada. E das mais açucaradas.

Vejamos, basicamente, por que: para mais de 1.200 pacientes, existem apenas 3 médicos além do diretor e seu assistente. Isso porque o Estado paga o irrisório salário de 4 mil cruzeiros mensais, que não atraem ninguém — e ainda mais porque qualquer funcionário que trabalhe na Capital percorre 90 quilômetros, todos os dias, para ir e voltar ao Manicômio.

Assim, o expediente é matutino, geralmente das 8 às 11 horas. Então, entre uma conversa e outra, posso concluir o seguinte: durante os 365 dias do ano, cada paciente vê um médico no máximo uma vez. E assim mesmo pelo prazo de quinze minutos.

Evidentemente, não se pode esperar, dentro desse sistema, muita coisa dentro da psiquiatria forense...

X

Visitei as colonias do Manicômio. São quatro. Encontramos homens vagando pelos pátios, queixando-se do internamento longo (15, 16, 17 ou mais anos . . .) e reclamando da palavra "esquisofrenia", parte de diagnóstico com o qual eles não se conformam.

XI

Em junho de 1973, o juiz-corregedor dos Presídios afirmava, em relatório após uma correição: "o Manicômio Judiciário sempre foi um caso esquecido por sucessivos governos que o ignoraram, infelizmente".

De 1973 para cá, pouco mudou.

Percival de Souza

OU A VERDADE
É LIVRE, OU A LIBERDADE
NÃO É VERDADEIRA.

(Jacques Prevért)

ZONA FRANCA



MELHORANDO

"Sr. Venho notando que esse semanário anda melhorando, nos últimos meses. Atribuo tal melhora ao fato de que os senhores já não atacam tanto o prefeito, como o faziam na administração anterior.

Além disso, o jornal vem publicando mais notícias a respeito de assuntos locais e isso é muito importante, porque a maioria dos leitores, creio eu, lê o noticiário geral em jornais maiores, quero dizer, em jornais da Capital.

Por favor, entendam este comentário como a vontade pura e simples de ajudar. **Estevam Marcelo.**

Vamos por parte, Marcelo. (1) Nós estamos tentando melhorar sempre, e ficamos contentes em saber que isso está sendo notado por outras pessoas além de nós. (2) Nós não estamos melhorando pelo fato de falar ou não falar de prefeitos. Do anterior a gente falou tudo o que conseguiu descobrir, ou que anteviu. O resultado aí está, nos inquéritos, sindicâncias e, pasme, até em queixa-crime (leia a página 11). (3) Nós também lemos o noticiário geral nos grandes jornais. Aliás, chegamos até a recomendar que todo mundo faça isso. (4) Obrigado pela ajuda, embora pura e simples.

CONCURSO NOVELA

"Sr. Ainda que mal pergunte: que fim levou o Concurso de Contos do Jornal de 2a.? **Paulo C. Mendes.**

Perguntou mal, Paulinho. A gente anda meio atrapalhado com o Concurso (teve jurado que desistiu, teve hora que a gente quis desistir. Não sabemos se você pergunta como concorrente, mas pedimos que tenha um pouco mais de paciência, que a gente vai criar vergonha.





É ELE!

"Sr. Ouvindo a sessão da Câmara pela Rádio Santos Dumont . . . " **Aderbal Castilho.**

Ah, é você, é?

FOFOCA, NÃO

"Sr. É verdade que o ex-prefeito Ibis Cruz. . ." **F.L.**

Pergunta pra ele, F.L. Ou melhor, vá pro inferno com suas fofocas e suas iniciais serão suas, mesmo?.

MARÉ ALTA

"Sr. Não é de meu feitio ficar escrevendo cartas para jornais, mesmo porque sei que a maioria deles somente publica as que lhes convém publicar. E entendo até mes-

Resolvi escrever para o "Jornal de 2a." porque estou notando um fenômeno, agora, em Jundiaí. O "Jornal de 2a." passou um ano denunciando fatos ligados à administração municipal que antecedeu à do Prof. Pedro Fávaro. E a voz do semanário soou sozinha, sem que os demais jornais dessem o apoio, ou pelo menos tomassem a posição de apurar e informar, as coisas que o J. 2a. criticava, aos seus leitores.

Agora, porém, cada erro que se apura, esses jornais publicam até certo estardalhaço. Agora que o então prefeito já não é ninguém. Acho isso uma atitude, pelo menos, medrosa. **Celso Continni Jr.**

Pois, é. Aliás, você disse "os jornais publicam". Será que é isso mesmo?

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434 - 2253

AÇOUGUE E CASA DE CARNE MÁRCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone: 436 - 4880

XEROX também é com o FOTO ZEZINHO
ROSARIO 623 FONE 6

NOVIDADES Charme CALÇADOS ROSARIO, 626

CONHEÇA O BRASIL.



Existem muitos roteiros para você escolher
Venha nos visitar, ou consulte-nos
TURISMO CHECHINATO Ltda.
Rua Barão de Jundiaí, 260
Fones: 436-7004 e 434-0562

OS BONS IMOVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

RANGEL PESTANA - Jardim frontal e lateral, área, 2 dorm. garage, 2 salas, cozinha, lavanderia, dep. p/ empregada quintal. Cr$ 700 mil, facilitado e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS – (16).

JARDIM CICA - jardim frontal, 3 dorm., sala, copa-cozinha, 2 banheiros, garage, salão p/ festa, quintal grande, lavanderia, dep. p/ empregada. Cr$ 800 mil, facilitada e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (326).

PARQUE DO COLÉGIO - nova, com 3 dormitórios, 1 suite, carpetados, todos com armário, sala grande, copa cozinha, lavanderia, dependência para empregada, abrigo, jardim, quintal, com todos os melhoramentos públicos. Cr$ 900 mil - OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

VILA LIBERDADE - 3 dorm. suite, banheiro social, sala grande, copa-cozinha, garage p/ 2 carros, dep. p/ empregada, jardim frontal. Cr$ 900 mil, pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (582/584)

PARQUE DO COLÉGIO - Ocasião fina residência estilo suiço, com 3 dormitórios, 1 tipo suite, banheiro social, sala grande com lareira, sala de jantar, cozinha tipo Kitchen com armário embutido, azulejo até o teto, mais um banheiro completo, aquecedor central, dependência para empregada, abrigo para 2 carros, jardim, área construída 200 m2. Terreno 12x 25.
Cr$ 1.300.000,00. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS

ANHANGABAÚ - Residência nova com 3 dormitórios, 1 suite, com armários embutidos, banheiro social, lavabo, sala em L com carpete, e vidros fumê, copa, cozinha, lavanderia, dependência para empregada, garagem ou salão, 6x8, abrigo para 2 carros. Cr$ 1.200.000,00. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

JARDIM MORUMBI - Residência nova, em fino acabamento, com 3 dormitórios com armário, 1 suite, banheiro social, sala grande com 2 ambientes, jardim de inverno, cozinha, lavabo. Abrigo para 2 carros, jardim lavanderia, dependência para empregada, quintal. Preço - Cr$ 1.300.000,00. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

SÍTIOS E CHÁCARAS

IVOTURUCAIA - 54.000 m, plana, toda formada à 9 km do centro, casa sede, casa para caseiro, luz pomar grande produzindo, água corrente, poço, 2 bosques grandes naturais, ótima topografia. Cr$ 1.500 mil. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

PRÓXIMO A VIA NORTE mais ou menos com 35 alqueires, com casa sede, mais 3 casas simples, 6 nascentes, córrego, açudes, ótimo para loteamento de chácaras, etc.
Próximo a várias propriedades. Cr$ 15,00 m2.
OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

CABREUVA - com 70 alqueires, grande pasto, 22 alqueires, mata virgem, 100 cabeças de vaca, 20 suinos. Uma casa sede grande e nova, 2 casas para colonos. Pomar variado, 7 lagos, 6 nascentes. 3.600 m. Beirando o Rio Tietê, etc. À 6 km de Cabreuva. Mais informações em nosso escritório - Preço . . . . . Cr$ 4.500.000,00 a combinar. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

BAIRRO DA CHAVE - magnífica chácara casa c/ 3 dorm. arms. embs., sala, copa-cozinha, banheiro jardim frontal, casa para caseiro, pequeno pomar, toda cercada. Estuda permuta com casa em Jundiaí. Cr$ 550 mil, facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS. (1237)

MEDEIROS - 20.000m2, casa sede e casa caseiro, pomar, toda cercada, luz, água encanada, poço com bomba, barracão p/ festa 10mx80m, com mais 2 cômodos. Estuda permuta com terrenos em Jundiaí. Cr$ 1.500.000,00 facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (9961)

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

CENTRAL DE IMÓVEIS
Rua Barão de Jundiaí, 1080
Fone: 434 - 3311

RIBEIRO IMÓVEIS
administração e venda
Rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
Tel. 436 - 6388

PASSAGEIROS: O COMETA LHES DESEJA PÉSSIMA VIAGEM



Jairo Maltoni



André Benassi

O MDB LOCAL, PLANOS EM VEZ DE RENÚNCIAS

Extra-oficialmente, dirigentes emedebistas estiveram reunidos domingo passado no escritório do vereador André Benassi, vice-presidente da Câmara Municipal e membro do diretório municipal.

"Nada oficial, apenas uma reunião para troca de idéias", foi o que afirmou o presidente do diretório, Antônio Prado, um dos presentes ao encontro, a que compareceram também o deputado Jayro Maltoni, os vereadores Ercílio Carpi e Ariovaldo Alves e outros membros do diretório.

A "troca de idéias" teve três resultados objetivos. Primeiro, a decisão de que o atual diretório não renunciará ao seu mandato (o "demissionarismo" tem sido criticado, nas áreas nacionais do partido), mas deixará a decisão livre para os componentes que desejarem o fastamento. O segundo ponto definido, ainda que sem caráter oficial, é o de se criarem órgãos assessores para colaborar na elaboração dos projetos-de-lei que a bancada deverá apresentar nas sessões plenárias da Câmara. "A discussão conjunta bancada-diretório-assessoria técnica resultará em projetos de maior objetivo social, mais alicerçados, mais de acordo com as diretrizes programáticas do partido", disse Antônio Prado.

A terceira novidade surgida na reunião foi a decisão do deputado Jayro Maltoni em disputar uma vaga para a deputação estadual e, caso haja prorrogação de mandato dos deputados, disputar a prefeitura de Jundiaí, em 1980, "se Deus me der vida e saúde até lá".

A definição de Maltoni foi feita no sentido de "deixar os companheiros interessados em disputar a deputação estadual plenamente livres de qualquer compromisso que pudessem ter comigo, caso eu me candidatasse à reeleição".

O que se pode concluir, na verdade, é que o MDB local está ativo. pensando em seu futuro como agremiação, em que pesem todas essas incertezas que envolvem a vida dos partidos na atual conjuntura.

O prefeito despachou o abaixo-assinado, onde mais de 100 usuários da Viação Cometa fizeram uma série de denúncias e pediram providências, à Secretaria dos Transportes. O pessoal que assinou está reclamando de:

1 – Os funcionários que atendem nos "guichês", tanto aqui em Jundiaí, quanto na capital, destratam os passageiros invariavelmente, promovendo escândalos que não têm razão de ser;

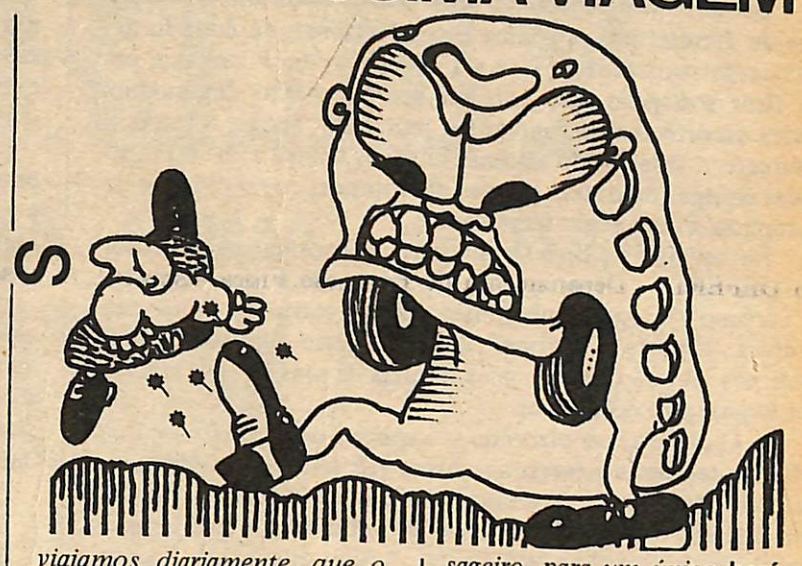
2 – Muitos desses mesmos atendentes, em vésperas de feriados, não sabemos por quais motivos, recusam-se a vender passagens antecipadas;

3 – Da mesma forma, alguns motoristas também desrespeitam passageiros, sem que ninguém tome conhecimento;

4 – Os ônibus colocados no referido trajeto encontram-se em deprimente estado de conservação, o que afeta sobremaneira a nossa segurança;

5 – Não bastasse isso para afetar nossa segurança, alguns motoristas excedem na velocidade e em outros tipos de imprudências, como ultrapassar pela direita, pelo acostamento, **costurar** *veículos,* **colar** *na traseira de outros veículos, o que ocasiona freadas bruscas e perigosas, etc.;*

6 – Ocorrem atrasos que variam de três a sessenta minutos, que são atribuídos ao trânsito da Via Anhanguera. Contudo, notamos, porque viajamos diariamente, que o trânsito é normal e satisfatório;



7 – A empresa cancela, quase diariamente, horários normais, sem antecipar qualquer esclarecimento. Alega, através de funcionários cuja área de competência é outra, que faltam passageiros ou que, melhor dizendo, o número de passageiros é insuficiente;

8 – Tal afirmativa é falsa, pois viajaram, de janeiro até março, pela referida linha, 179.639 passageiros em 8.722 carros, numa média de 20 pessoas por carro;

9 – Ainda a esse aspecto, devem ser descontados os passageiros que são transportados irregularmente por alguns motoristas inescrupulosos;

10 – Pela média mensal de passageiros, acreditamos que, se houver um único passageiro, para um único **horário normal,** *ele deverá ser transportado;*

11 – Nas sextas-feitas o número de ônibus não é suficiente para atender a demanda de passageiros, o que gera atrasos de até 1 hora e meia ou mais (durante o período noturno);

12 – Há atrasos de até mais de dois meses na entrega de passes escolares. Enquanto isso, o solicitante paga o preço normal.

Taí o que os passageiros estão reclamando. Como habitual usuário, também subscrevo, se bem que agora, já que reclamar é preciso. E, além de tudo isso, tem mais: alguém pode não acreditar, mas uns meses atrás, voltando de São Paulo, me molhei todo por causa de uma enorme goteira que havia no ônibus. (Kazuo)

COMO ANUNCIAR ECONOMIZANDO

Agora quem quiser anunciar nos principais jornais do País já não precisa sair de Jundiaí: basta ir à rua Coronel Leme da Fonseca, 222 (fones 434.8083 e 434.4036).

É o endereço da Stalo Publicidade, firma criada por Adejair Sianga e que está autorizada a receber anúncios para jornais como **O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Jornal da Tarde, Folha da Tarde, A Gazeta Esportiva, Diário Popular, Correio Popular e Diário do Povo,** entre outros. Isso, sem falar nos convênios a serem feitos com e de outras capitais.

Uma firma que "ajuda o anunciante a economizar tempo e gasolina", como diz Adejair, pois num só balcão de anúncios ele pode encaminhar a publicidade de sua empresa para vários jornais.

Mais: os pequenos anúncios são emitidos por telex. E o preço dos anúncios não sofre qualquer acréscimo, já que é obedecida a tabela oficial dos jornais que mantêm convênio com a Stalo.

O nome, segundo Adejair, surgiu por acaso:

– Eu esta conversando com o Plínio, que fez o emblema da firma (Plínio Esteves Ricon, premiado em vários concursos de cartazes e logotipos), e disse que estava pensando em algo assim como "Gero Publicidade". Mas quando pensávamos em outra alternativa, comentei com ele que tudo dependia de um "estalo", para se achar o nome certo. Aí o Plínio matou a charada: "Tai o nome", disse ele. E assim, a firma foi batizada como este nome: Stalo Publicidade.

stalo PUBLICIDADE "IDÉIAS QUE VENDEM"

O logotipo, criado por Plínio.

QUE FESTA JUNINA FOI ESSA?

Nem todas as mães gostaram da festa junina que a Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Turismo promoveu domingo passado, para as 1.500 crianças de 4 a 6 anos, dos cinco parques infantis e das três escolas isoladas do município. Para começar, diz uma delas, o Parque "Comendador Carbonari" (onde a festa foi realizada, das 14 às 17h30) não tinha "nem lugar para a gente ficar sentada":

– E o sol? Dava pena ver aquelas crianças chorando, querendo ir embora, mas as professoras não deixavam, tinham que esperar o fim da festa. Nós, as mães, tínhamos de ficar longe deles. E as autoridades, confortavelmente instaladas, o "seu" Flávio D'Angieri dizendo que estava sendo prestada uma "bela homenagem" ao nosso prefeito. Que bela, o quê. . .

Mas será que foi assim mesmo? Não, o secretário Flávio D'Angieri discorda:

– Não me interessa a opinião de cinco ou seis mães descontentes, sei que a maioria gostou da festa, digna de filmagem. Veja só, a Prefeitura fez de tudo para que não houvesse qualquer problema, colocamos ônibus para levar as crianças até o parque. Crianças de escolas localizadas em bairros pobres, que até o ano passado tinham festinhas pobres, tiveram a mesma oportunidade que as crianças que moram em bairros privilegiados. Tem mais: ninguém era obrigado a comparecer. Mas sempre existem os descontentes, fazer o que?



Flávio D'Angieri

Segundo D'Angieri, antigamente essas festas eram realizadas nos próprios parques e escolas isoladas onde as crianças estudam. Muitas professoras faziam questão disso porque "ganhavam presentes dos alunos":

– Deve ser por isso que algumas delas estão reclamando agora.

Mas a reclamação não foi feita por nenhuma professora, foram mães de alunos que ...

– Ah, as mães. . . sabe o que houve, na verdade? Foi excesso de zelo das mães, elas queriam ficar o tempo todo com os filhos. Ora, não era possível, lá no pavilhão onde foi servida a merenda só as crianças podiam entrar. Elas e as cinquenta e oito professoras. Como é que poderíamos deixar todo aquele povo entrar lá? Não era possível.

Uma professora confirmou: na verdade, as mães ficaram irritadas porque não puderam entrar no pavilhão onde foi servida a merenda, diz ela. Outra mãe de aluno insiste nas queixas faz um pedido:

– Mas não vá colocar meu nome pelo amor de Deus.

Ela teme alguma represália por parte da Secretaria "ou de alguma professora, se souberem que fui eu quem fez a reclamação":

– O Flávio ainda disse, e eu ouvi bem, que quem não estivesse contente podia ir embora, que ninguém era obrigado a ir à festa; disse que nossos filhos têm tudo de graça nas escolas. Veja só, tudo de graça. E aquela taxa que a gente paga, em benefício de tal da APM, não conta? Eles dizem que ninguém é obrigado a pagar, mas não se sabe o que acontece se a gente não "chorar" com o dinheirinho lá. . .

Pelo menos isso o secretário Flávio não nega: existe mesmo uma taxa de . . . . . Cr$ 15,00, "para compra de material". Só que, segundo ele, "ninguém é obrigado a pagar".

QUANDO É QUE O NOSSO F

Quem estiver esperando uma atuação brilhante das equipes de Jundiaí nos próximos Jogos Regionais da Zona Leste, que serão realizados de sete a 17 de julho em Piracicaba, pode ficar sossegado: isso não vai acontecer. Das dez modalidades esportivas que Jundiaí vai participar, apenas o futebol, basquete e volei, terão algumas chances contra as bem preparadas equipes de outras cidades do Interior, como é o caso de Campinas, Piracicaba e Americana.

Na opinião de Luís Geraldo Basile Lacerda, coordenador do DEFERT – Departamento de Educação Física, Esportes e Turismo –, órgão subordinado à secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Turismo, não será neste ano que os jundiaienses vibrarão com grandes vitórias de suas equipes nos Jogos Regionais e do Interior.

– O que está acontecendo – explica Luis Geraldo – é que estamos tentando renovar os nossos valores, começando tudo de novo em termos de esportes na cidade. Como se trata de um trabalho de base, difícil de ser feito e que leva sempre muito tempo para se sedimentar, creio que ainda é cedo para pensarmos em grandes vitórias.

AS CHANCES

A sala do DEFERT, numa das dependências do Ginásio de Esportes Dr. Nicolino de Lucca, no bairro do Anhangabaú, é bem simples. Algumas mesas e cadeiras, um telefone.

O coordenador do DEFERT não demonstra decepção quando fala das poucas chances de Jundiaí nos Jogos Regionais, porque "essa garotada que vai participar desta vez ainda vai dar muita alegria para a gente, podem acreditar nisso. É preciso apenas dar um pouco de tempo ao tempo".

Segundo Luis Geraldo, Jundiaí terá grandes chances no futebol, porque vai ser representada pela equipe juvenil do Paulista Futebol Clube, que está treinando bastante e tem cancha, já que está disputando há algum tempo o campeonato da Federação Paulista na sua categoria.

O basquete masculino poderá até ser campeão, porque contará com uma equipe competitiva, toda ela baseada na Esportiva, que recentemente ficou campeão da Copa Centreville de Basquetebol. A equipe feminina de bola ao cesto será formada por jogadoras do colégio Divino Salvador. Mas aí existe um sério problema: várias jogadoras do Divino foram convocadas para a seleção brasileira e Luís Geraldo acredita que isso enfraquecerá um pouco a equipe, que mesmo assim terá boas chances.

No ano passado, o quadro de voleibol masculino classificou-se em sexto lugar no ano passado em Americana. Mas essa posição incomoda não serve para se avaliar a equipe atual: os jogadores obtiveram um grande desenvolvimento neste ano e podem pensar numa colocação melhor.

Nas demais modalidades, as chances de Jundiaí são reduzidas, com exceção do atletismo, onde poderão surgir algumas vitórias ou boas colocações graças ao talento individual de certos atletas, como é o caso de Ruth Maria de Jesus, uma das grandes reveleções nas modalidades de arremesso de peso, dardo e disco.

OS PLANOS

Atualmente o esporte em Jundiaí está praticamente parado. E a explicação para isso ter acontecido é a seguinte: há cerca de dois anos os clubes da cidade não estavam recebendo nenhuma verba como ajuda para manterem equipes competitivas em ação. Na administração anterior, o prefeito Pereira da Cruz afirmou que a Prefeitura não tinha interesse em apoiar o esporte de representação (equipes que competem por Jundiaí): "o nosso negócio é o esporte de massa, com a participação do povo".

Com a nova administração as coisas começam a mudar de figura. Segundo Luís Geraldo , uma das metas do DEFERT é dotar verba para os clubes, para que se coloquem em condições de defenderem a cidade por ocasião dos jogos Regionais e Abertos.

– No momento – explicou Luís – pretendemos competir com o pessoal que temos nas diversas modalidades e não vamos nos preocupar com números ou classificação. O importante nos próximos Jogos Regionais é que a gente vai participar com o objetivo de adquirir experiência. Temos muita gente nova começando e que, com a participação em competições desse nível, terá condições de em breve se transformar em elementos preciosos para a cidade.

Uma das prioridades do DEFERT atu trazer de volta para Jundiaí os atletas que es da cidade. Para isso, Luis Geraldo está tent ções para o retorno desse pessoal. E cita o jogadores que estão defendendo outras cida como é o caso de Marcel, Inno, Geraldo, q diaí por não encontrarem aqui condições de esporte. "O importante para nós no momen Luís – é criar novos elementos dentro da cid oferecer condições para os que estão em Ju para outras cidades".

Apesar de Luís Geraldo estar há apenas ses como coordenador do departamento, j metas a serem atingidas dentro de pouco t monstra que apesar das dificuldades, pelo pode contar com um plano para agilizar o seu esmagado de uns três anos para cá por pess confrontos com outras cidades.

A ESPERANÇA

Uma das grandes esperanças para revi esporte amador em Jundiaí está sobre a cobe tas empresas existentes na cidade. Os prime foram mantidos e surtiram o resultado esper entusiasmar Luís Geraldo. Isso seria realmen culdades para o nosso esporte amador.

Caso esse tipo de ajuda realmente se efe pretende fazer com que dentro de um certo t amador de Jundiaí saia da dependência da P do pelo setor privado, não dependerá das cas que ocorrem a cada mudança de prefeito.

No ano passado, Jundiaí foi mal nos Jogos te ano, as perspectivas não são nada alenta existência de equipes novas, montadas recent de tudo, Luís Geraldo acredita que não há mo nimo: "as dificuldades estão aí, bem à nossa primeira vez temos planejamento e sabemos para o esporte de Jundiaí".

E SERÃO ESTES NOSSOS FUTU



Marcelo

Quando Marcelo pega a bola no meio da quadra e parte firme prá cima do adversário, dando fintas secas e com o olhar fixo na cesta, a torcida se levanta nas arquibancadas da Associação Esportiva Jundiaiense, com a certeza de que mais dois pontos serão conseguidos. Por causa de sua técnica aprimorada e de sua grande habilidade, o menino Luís Marcelo Consentino Lacerda, de 16 anos, conseguiu se transformar numa das peças importantes do seu time e obter a simpatia de muita gente. Atualmente, convocado para defender Jundiaí nos Jogos Regionais, Marcelo é considerado como uma das grandes revelações do basquetebol de Jundiaí.

Mas a fama que conseguiu recentemente, depois de ter ganho pela Esportiva a Copa Centreville de Basquetebol, não chegou a mudar o comportamento de Marcelo. Mesmo depois de ter recebido convites de várias equipes para jogar na Capital.

Aluno do primeiro colegial do colégio São Vicente de Paulo, Marcelo começou a jogar quando tinha onze anos, na Esportiva. Depois foi convidado pelo técnico Francisco Brás para jogar no quadro de mini do Jundiaí Clube, ao lado de Mauri, Zé Augusto, Tarzã, Betelli e outros. Essa foi para Marcelo a melhor fase de sua vida, "pelo menos até agora".

– A gente era da mesma idade – conta Marcelo – viajava pelo Interior, conhecia cidades e acabamos nos tornando quase irmãos.

Essas viagens pelo Interior e o fato de estar sempre em contato com jogadores de categorias superiores à sua, como o Marcel, o Inho, Nestor e o Geraldo, colaboraram para despertar naquele garoto gordinho o gosto pelo basquete. Essa foi uma fase importante para Marcelo, ao ponto de afirmar que um de seus idolos atualmente é Marcel. Mas gosta de deixar bem claro: "não quero imitar ninguém; quero ter o meu próprio estilo de jogo e por isso treino muito". Quanto a deixar Jundiaí, Marcelo não gosta nem de falar. "Agora que estamos aparecendo, que o nome da Esportiva já é conhecido em todo o Estado, acho que devemos ficar por aqui".



Ruth

Os resultados que Ruth Maria de Jesus conseguiu nos últimos Jogos Regionais da Zona Leste fazem com que ela se constitua numa das grandes esperanças de Jundiaí neste ano. No arremesso de peso, Ruth conseguiu a marca de 10m28, ficando em segundo lugar; no disco, a sua marca foi de 33m84, conseguindo outro segundo lugar; e no arremesso de dardo sua marca atingiu 23m88, ficando em terceiro lugar. Apesar de estar treinando há apenas algumas semanas, Ruth conseguiu animar os dirigentes do DEFERT: num dos seus últimos treinos, conseguiu a marca de 33m90 para o arremesso de disco, o que representa uma melhora em relação à sua marca anterior nos Regionais.

Atualmente Ruth Maria de Jesus está com 19 anos de idade e desde pequena sempre quis participar de competições esportivas. E essa vontade surgiu quando estudava no colégio Lázaro Miranda Duarte e assistiu às Olimpiadas de Montreal. A partir daí começou a treinar bastante, até que um dia foi convidada para competir pela Associação Jundiaiense de Atletismo. Foi campeã da Operação Juventude e ganhou uma viagem para a Foz do Iguaçu.

Filha de família humilde, para estudar e treinar, Ruth passou a viver no Educandário Nossa Senhora do Desterro. Daí para a frente iniciou a ascensão de sua carreira, sendo convocada para os Jogos Estudantis Brasileiros. Em relação aos Jogos Regionais, Ruth acredita que poderá trazer um primeiro lugar para Jundiaí, "ou pelo menos uma boa colaboração". Enquanto se prepara para essa competição, ela pensa em um dia voltar a competir nos Jogos Estudantis Brasileiros e até mesmo chegar à seleção brasileira de atletismo, quando terá a chance de participar de uma Olimpíada.

Sonhos à parte, por enquanto ela se acha feliz, pelo apoio que tem recebido de muita gente e por ser considerada como uma das esperanças da cidade nos Jogos Regionais. "Tenho uma dívida de gratidão para com Jundiaí: aqui eu comecei e por isso vou fazer de tudo por uma boa classificação".



Hélio

Faça frio ou calor, por volta das sete e meia da manhã Hélio Taglionato Junior, um menino de dezesseis anos de idade começa o seu aquecimento. Equilibrado em cima de sua bicicleta de corrida, ele dá uma volta no quarteirão de sua casa, lentamente, se preparando para mais um treino de alguns quilômetros pela avenida Nove de Julho. Isso acontece duas ou três vezes por semana e faz parte dos sonhos do garoto de cabelos lisos, caidos na testa: ser um campeão de ciclismo, parecido com aqueles corredores europeus que ganham muito dinheiro e competições.

Meio introvertido, braços cruzados, Hélio conta que sempre gostou de bicicletas e nunca se esquece do dia em que ganhou do pai uma Caloi 10, com a qual participou de uma prova ciclística em 1976, na mesma avenida Nove de Julho onde treina quase todas as manhãs. Nessa ocasião o menino Hélio, "ainda sem muito treino", conseguiu um honroso terceiro lugar e um convite para treinar com o pessoal da Associação dos Empregados da Duratex, sob o comando de Is em diante, H das gratas re de Jundiaí. C lia, que o acom provas que p acredita que t nos próximo

– Aconte competir com quase profissi e treinam há é o caso dos a Limeira e Ame

Mesmo s mento as su grandes, Hélio continuar tre tem uma meta ticipar da pr Por isso, já co ferência para de ciclismo. guma coisa m be que precis "mas isso não que gosto de

Com e do futuro: e não será fã peão Miguel D

WANDERLEY

"SOU UM APAIXONADO. O PAULISTA ACIMA DE TUDO."

Que crise foi essa que não derrubou técnico, não cortou jogadores, não desfez a torcida uniformizada e – pasmem – nem alterou a diretoria que voltou atrás na sua renúncia? O mais provável é que tenha sido uma hábil e bem sucedida manobra para pôr o clube em ordem. Hipótese que o presidente Wanderley Pires, apesar de não falar claramente, admite.

– No fundo, no fundo, sou um apaixonado, sempre colocando o Paulista acima de tudo – ele afirmou na sexta-feira no escritório da sua fábrica de armações de óculos. Cuidadoso em toda sua respostas, falou dos 18 "marginais" que estavam xingando a diretoria durante o jogo contra o São Paulo:

– A gente está lá no campo, trabalha pelo time e vem 18 marginais, é isso aí mesmo, 18 marginais xingar a mãe, irmã, que estamos roubando. Por mais tarimba que a gente tenha, não dá para aguentar.

E foi esse incidente que, oficialmente, provocou a sua renúncia e de toda a diretoria, medida tomada na segunda-feira. Wanderley faz questão de salientar que não é contra a torcida porque não generalizou o caso. Inclusive a contar as pessoas que estavam próximas ao alambrado despejando uma enxurrada de impropérios.

O presidente fez essa distinção e explicou:

– Os perigosos são esses que se misturam no meio da torcida, se escondem atrás de duas mil pessoas, mas vêm ao campo só para xingar. Eles não estavam nem assistindo ao jogo.

Wanderley relembra quando assumiu a presidência do clube e, com dinheiro seu – Cr$ 90 mil – garantiu o Natal dos jogadores e o pagamento daqueles que foram dispensados. "E depois disso ainda vêm chamar a gente de ladrão?", queixou-se.

Contudo, seria ingenuidade acreditar que somente por causa de alguns torcedores mais radicais e menores pelidos poderia fazer toda a diretoria renunciar. Outros fatos interferiram, mas Wanderley preferiu deixar à perspicácia do repórter a tarefa de concluir.

Quando o jogo terminou, o técnico Roberto Belangero chamou a diretoria para uma reunião no vestiário. Desse encontro, nem tudo acabou divulgado. Soube-se que Belangero pediu para ser demitido, da mesma forma que se informou a disposição da diretoria em aceitar a saída de Belangero caso ele pedisse demissão, ficando isento de pagar a multa contratual de Cr$ 40 mil.

Se o técnico queria realmente sair, poderia pedir sua demissão. Mas isso ele não fez. Queria ser demitido. E a multa que o Paulista teria que pagar, caso rescindisse o contrato, dispensando-o?

Um outro fato parece ter sido de grande ajuda para o estabelecimento do impasse: o distanciamento do técnico dos jogadores, o que teria influído definitivamente no rendimento da equipe. A quem caberia a culpa? A Belangero, com vontade de se afastar do Paulista, ou aos atletas, desanimados com as recentes e seguidas derrotas? Ou ainda à sempre providencial **má fase?**

De qualquer forma, Wanderley acha que os últimos resultados são perfeitamente compreensíveis, mas têm que ser vistos em conjunto. Só assim há possibilidade de se encontrar as razões dos últimos fracassos da equipe.

De uma coisa ele tem certeza: não foi o desastre contra o São Paulo a causa da renúncia, nem somente as



Wanderley: contra os 18 marginais

ofensas recebidas de trás dos alambrados. Mas pouco resta além disso, a não ser a tentativa de aglutinar a diretoria e o propósito de aproximar os jogadores do técnico, o que acabou acontecendo.

Para Wanderley, o incidente deixou de aproveitável as medidas drásticas que tomará, mas não precisou quais seriam. Na sexta-feira teve uma reunião para deliberar sobre o assunto, que deve ser divulgado na segunda-feira por causa do jogo contra o Corintians.

Se essa chamada crise conseguiu aparar algumas arestas que estavam emperrando o rednimento do time, por outro lado Wanderley continua no cargo com um grande problema para resolver: a interdição do estádio Jaime Cintra por 30 dias.

O presidente afirmou que será muito difícil ao Paulista conseguir sustar a sentença, já que é reincidente nesse caso. Mas acrescentou que tudo se deve às mentiras relatadas pelo juiz Roberto Nunes Morgado, (no encontro contra o Guarani), o mesmo que iria apitar o jogo de sábado contra o Corintians, motivo do protesto que enviou à Federação Paulista de Futebol.

O Paulista terá prejuízo com isso, mesmo porque já é um clube que rende Cr$ 30 mil por mês e gasta mais de Cr$ 200 mil. Essa é a atual situação, motivo da justificativa apresentada por Wanderley:

– Quando eu assumi, meu compromisso era de salvar o patrimônio do Paulista. Isto eu consegui. Se quiserem que ganhe o campeonato, preciso de 10 mil sócios. Daí sim, posso prometer que, pelo menos, o Paulista disputará o título na final.

Essa promessa, no entanto, seria muito difícil de ser cumprida, já que no ano que vem ele não poderá continuar no cargo, por imposição estatutária. A troca de presidente, ao contrário de outros tempos, não será tão difícil:

– Antes, tinha que se pegar o candidato a presidente a laço. Hoje não é mais preciso porque o clube está numa situação boa.

Wanderley não esconde seu orgulho em poder dizer isso e acrescenta, com satisfação, que durante a crise apareceram os nomes de três candidatos para substituí-lo: Mendonça Falcão, Tolmino Fabrício e Ibis Cruz. Mas todos eles desmentiram a pretensão, preferindo apoiar sua continuação no cargo. E o presidente fez a revelação de um sucessor, admitindo que no ano que vem, até Ibis Cruz possa estar dirigindo os destinos do clube. (Carlos Kazuo Inoue)

AFINAL, QUE CRISE FOI ESSA?

Afinal, que crise é essa? Desde quando a diretoria de um clube de futebol renuncia (ou ameaça renunciar) porque a torcida, descontente com uma goleada, manifesta a sua insatisfação da maneira mais comum que as torcidas sabem fazer: xingando. Desde quando?

O que foi que o presidente Wanderley Pires quis mostrar com seu gesto? Quis, talvez, com uma renúncia à Jânio Quadros, atrair as atenções sobre si, e esperar que viessem, em comitiva, implorar-lhe para que ficasse?

Se era isso que ele queria, parece que conseguiu. Está de parabéns por sua habilidade.

O fato é que essa crise, ou esse arremedo de crise, serviu para desviar as atenções da torcida da melancólica tarde de sábado, quando o time de futebol foi humilhado em campo, a ponto de a sua torcida, acintosamente, retirar – à altura do quarto gol do São Paulo – as faixas de incentivo e passar a torcer para o adversário.

Todos reconhecem na atual diretoria do Paulista, aquela dose de abnegação sem a qual os times profissionais do interior são conseguem sobreviver. A capacidade administrativa dessa diretoria nunca foi colocada em questão. Todos sabem que ela encontrou um clube afundado em dívidas até o pescoço (pelo menos é o que os atuais diretores não se cansam de repetir) e conseguiu levá-lo a uma situação de relativo equilíbrio.

Mas é que, dentro da atual estrutura do nosso futebol, a torcida não vive das glórias dos balancetes, mas dos resultados dentro do campo. É uma visão distorcida? Pode ser. Mas é essa a única que existe. Se está certa ou errada, o assunto é outro.

O fato é que a torcida quer vitórias, não importa se contra o Caixa Prego F.C., ou contra o poderoso (pelo menos teoricamente) São Paulo F.C.E ela está errada em querer isso? Vamos ver a coisa de seu ponto de vista: ela paga entrada, ela veste a camisa do time, ela se sacrifica para viajar, para arranjar o dinheiro para o ingresso. Ela quer ver seu esforço recompensado. Quer que o time corresponda ao seu esforço demonstrando, pelo menos, esforço.

Se existe algum problema entravando o relacionamento entre jogadores e técnico, entre jogadores e jogadores, entre diretores e técnico, ou seja lá o que for, ela exige que alguém resolva o problema. O que ela não admite é ver um conjunto de profissionais remunerados negligenciando em sua tarefa, que é exatamente a de correr atrás da bola.

Pode se alegar que ela é exigente, injusta, que só comparece aos estádios quando o time consegue bons resultados, que não é fiel. Mas qual torcida de futebol – com exceção, naturalmente do fenômeno corintiano – que não vive de bons resultados?

O que cabe à diretoria, então? Entrar em campo em lugar dos jogadores e tentar enfiar a bola nas redes contrárias? Naturalmente que não. Cabe-lhe reunir um plantel de profissionais capacitados e conscientes a desempenhar as suas tarefas. Cabe-lhe dar a esses profissionais condições de trabalho e o devido respaldo fora do campo. Cabe-lhe fornecer a esse grupo de profissionais a motivação necessária para que eles saibam corresponder ao que a torcida espera deles.

E se preenchidas todas essas condições, ainda assim os profissionais não souberem, dentro de campo, oferecer a contrapartida em espírito de luta e em dedicação, cabe a diretoria identificar os que não querem trabalhar, e simplesmente afastá-los.

E a torcida? A torcida continuará cumprindo o papel universal de todas as torcidas, desde Santa Rita do Passa Quatro até Belgrado: aplaudir as vitórias e vaiar as derrotas.



Roberto Belangero: "tudo está ótimo".

ROBERTO

"O TIME VOLTARÁ A JOGAR BEM"

Crise no Paulista. Na sexta-feira, isso representava apenas um passado distante, que o técnico Roberto Belangero não queria mais lembrar. Sentado na cama rústica, no quarto número um da concentração do Jaime Cintra, o técnico esperava a hora da partida para São Paulo, onde seu time enfrentaria o Corintians. Nas mãos, segurava o livro "A hora e a vez de João Saldanha".

E a decadência do Paulista no segundo turno, porque aconteceu? Roberto também não queria falar disso, porque "implicaria em mais problemas para mim e para os jogadores, agora que tudo está calmo novamente.

Com ar de cansaço, Belangero passa as mãos pelo rosto e entre uma tragada e outra no cigarro, explica que não pediu demissão de seu cargo de técnico durante a crise.

– Simplesmente fiz um relatório sobre a situação do time entreguei à diretoria – explicou Roberto – e em seguida coloquei o meu cargo à disposição.

O treinador afirmou ainda que deixou a diretoria à vontade para decidir sobre a sua permanência na direção técnica da equipe. Mas não quis falar da cláusula do contrato que tem com o Paulista de que caso fosse mandado embora receberia quarenta mil cruzeiros referente à multa por rescisão de contrato.

O time está jogando mal por deficiência técnica? Belangero disse que não gostaria de responder a esse tipo de pergunta, e nem mesmo analisar as deficiências de seus jogadores. "Nós estamos nos dando bem, tudo caminha para a normalidade e quero apenas continuar o meu trabalho".

O técnico parece estar nervoso, fuma mais um cigarro e explica que logo tudo vai parar no seu lugar e o time voltará a jogar como no primeiro turno. Com olhar cansado, ele pede que não lhe façam mais perguntas, o assunto de crise está terminado, é coisa do passado. O seu relacionamento com jogadores é perfeito e não existe nada de anormal.

E o boicote, foi mesmo sentido pelo técnico? Belangero diz que nunca notou nada e que desde que chegou ao Paulista o seu comportamento em relação aos jogadores é um só: o melhor possível. Mas chega a reconhecer que o nível técnico dos jogadores caiu assustadoramente no segundo turno, sem explicação. A falha então é dos jogadores, que não cumprem o que o treinador determina? Roberto olha para os lados, passa novamente as mãos pelo rosto e repete: "não gostaria de falar mais sobre issso. Está tudo em ordem, não tem mais crise, tudo acabou".

De acordo com o técnico Belangero, tudo voltou à normalidade no Paulista. O técnico está contente e pretende continuar no cargo até que termine o seu contrato em novembro. Resta apenas o seguinte: é justo que, por motivos pessoais ou não, se utilizem do nome do Paulista para criar crises sem o menor fundamento? Justamente agora em que os próprios diretores afirmam que o clube nunca teve uma fase tão boa como essa, financeiramente?

Para Roberto Belangero, o Paulista vai voltar a jogar como no primeiro turno. A torcida, que assistiu atônita o desenrolar da crise, aí está para cobrar no tempo devido. (S.H.)

DACUNTO: "É CRISE PASSAGEIRA".

Depois de vinte e cinco anos como colaborador e massagista no Paulista, Dacunto não se assusta mais com as crises, que para ele "sempre acontecem nos times pequenos, que vivem exclusivamente de vitórias".

Na pequena enfermaria de Jaime Cintra, vestido com o roupão tricolor já um pouco desbotado, Dacunto cuida dos jogadores. Entre massagens, aplicação de injeções e conselhos, ele conta que viu muitas crises no clube, bem piores do que essa.

Com jeito de quem já está bastante acostumado com tudo, Dacunto relembra os tempos difícies, quando o Paulista estava na Primeira Divisão.

– Naquele tempo as coisas complicavam mesmo e quando tinha crise a gente ficava preocupado sempre no pior.

O antigo massagista é muito respeitado pela torcida, graças à sua dedicação ao clube. Quando um jogador se machuca, ele nem sempre respeita os pedidos do juiz: invade o campo, mesmo com o perigo de ser expulso.

O que acha da crise atual? Dacunto sorri, passa as mãos nos cabelos e confidencia: "Eu sei bem o que é crise, meu nego, e lhe digo que isso é passageiro. Vai até o time ganhar ou empatar fora de casa". (S.H.)

UM TIME DESASTRADO

O repórter Odir Cunha, do Jornal da Tarde, cobriu o jogo Paulista e São Paulo. Aqui ele conta o que achou do Paulista.

A péssima impressão que o Paulista deixou sábado, quando perdeu para o São Paulo por 5 a 1, em Jundiaí, não se restringe apenas ao exagero do placar, mas à forma como a equipe se comportou durante quase todo o tempo: apática, sem vibração e, o pior de tudo, sem a mínima condição técnica de fazer frente a um time razoavelmente dotado como o São Paulo.

E o São Paulo não estava num grande dia, como se pode supor pelo resultado. Ele, simplesmente procurou atrair o Paulista para o seu campo, abrindo, com isso, muitos espaços na desastrada defesa de Jundiaí, por onde Muller, Serginho e Zé Sérgio, penetravam com muita rapidez e facilidade.

Uma análise do Paulista contra o São Paulo, concluiria que todos os setores do time sentem a falta de melhores jogadores: na defesa, desde o goleiro Édson, até o lateral esquerdo Celso, todos se mostraram inseguros e deficientes. O meio do campo, sem criatividade e errando muitos passes, só apoiou melhor o ataque depois da entrada de Ribeiro no lugar de Fernandinho e dos atacantes, apenas Daércio se salvou, fazendo o único gol do Paulista e criando outras boas chances.

No mais, a imprudência do técnico Roberto Belangero, que optou por uma tática semi-ofensiva, sem jogadores aptos a cumprí-la.

Odir Cunha

BOSCO

Lider de coisa nenhuma



Arredio, escondido pelos cantos do vestiário, o jogador Bosco demonstra a sua preocupação por ter sido chamado de líder dos jogadores num boicote contra o técnico Roberto Belangero. Somente depois de uma certa insistência ele resolve explicar que nada tem a ver com boicotes e técnicos, que tudo não passou de invenção de gente que não tem o que fazer.

– Onde já se viu um negócio desses? Eu sou um profissional, tenho minha família para cuidar, minha mulher e uma criança de cinco meses de idade. Você acha que tenho condições de ficar por aí pensando em derrubar técnico?

Dentro do vestiário, outros jogadores ouvem as explicações de Bosco e se mostram solidários, apoiando as suas palavras. O jogador demonstra indignação em relação a toda essa história de boicote e lembra que trabalhar contra o técnico pode sempre dar problema, "porque hoje a gente está aqui no Paulista e amanhã pode estar em outro lugar e acaba tendo que trabalhar com o mesmo técnico, não é?".

O envolvimento do jogador na crise do Paulista aconteceu, na sua opinião, por culpa de algum jornalista irresponsável que, baseado nas afirmativas do presidente Wanderley Pires de que Bosco não estava jogando bem, partiu para conclusões precipitadas. "Eu sou da opinião que as pessoas antes de escrever alguma coisa sobre o jogador, têm que pensar bastante, tem que ser homem, honesto. E eu posso assegurar que sou mais honesto do que muita gente que está por aí".

– Acho que o torcedor e a imprensa tem todo o direito de exigir que eu jogue melhor, até mesmo criticar. Mas me envolver numa crise desse tipo eu não aceito.

Sempre apoiado pelos companheiros, Bosco admite que não está passando por uma boa fase técnica e que pediu para sair do time depois do jogo com o Santos na Vila Belmiro. Mas quis deixar bem claro que a sua saída do time nada tem a ver com boicote ao técnico. "Eu não estava bem e senti que a torcida e a diretoria estavam esperando mais de mim em campo. Por mais que eu tentasse, nada dava certo e por isso pedi para sair do time por uns jogos, até melhorar".

Bosco não sabe explicar porque o time, que estava tão bem no primeiro turno caiu tanto no segundo, depois de oito partidas invictas. "Isso é fase ruim. A gente tenta jogar a bola para o companheiro e ela sai forte ou fraca, sei lá. É a fase". (S.H.)

AS (POUCAS) QUEIXAS DOS JOGADORES





O DIA DO FICO

WANDERLEY FICA "COMANDANDO A NAU"

Ainda não eram duas horas da tarde e o vendedor de amendoins José Jurkvich já estava no estádio "Jaime Cintra", cumprindo uma rotina iniciada há dez anos. Além dele, alguns meninos e apenas dois torcedores nas arquibancadas, esperando o treino de quinta-feira. Nos vestiários, os jogadores – a maioria carrancudos – começavam a se preparar. Encostado na porta do ambulatório, Mosca saboreava um pé-de-moleque.

– Viu só os dois times de Limeira no **Placar?** – comentou Lázaro, um dos poucos que ainda riam.

– Pois é – disse o central Marco, enquanto se trocava. – Do Paulista quando falam, é só para dizer que tem crise. . .

O ambiente era meio triste, na verdade. Uns jogadores diziam que, com esse ambiente de intranquilidade, não dava mais para ficar no clube.

Mas negavam a existência de um boicote contra quem quer que seja.

– Não existe boicote nenhum – disse o meio-campo Nobre, vestido com sua farda de aspirante do Exército. – Onde já se viu, jogador querer perder uma partida, ainda mais contra um time grande, um jogo que seria apresentado pela televisão? Não, jogador nenhum entraria em campo para jogar mal, é a fase que não anda boa.

Outros jogadores concordavam. E todos estavam revoltados com as acusações. Mas explicação para a queda de produção do time, ninguém sabia dar. A frase mais pronunciada era esta: "Não sei o que está acontecendo".

Pouco depois das 14h30, uma pausa na **crise:** o jogador Nobre – muito respeitado pelos colegas avisou que não era mais presidente da "caixinha" – vai ficar ausente do clube por 45 dias. Automaticamente, o vice-presidente Edson assumiria o cargo, mas ficou decidido que todo o dinheiro arrecadado até agora seria devolvido aos jogadores. Quer dizer, era o fim da "caixinha" (da qual o diretor Manoel também faz parte). E Nobre passou a entregar as cadernetas de poupança de cada jogador, entre risos e aplausos. Faltava decidir outra coisa: e os móveis, a televisão, a mesa de bilhar, tudo comprado com o dinheiro da "caixinha"? Fica tudo de graça para o clube?

A resposta foi um sonoro "não".

Decidiram que tudo isso seria oferecido à diretoria do clube. Se ela não comprasse, então os jogadores promoveriam um leilão.

Silêncio. Acaba de chegar o técnico Roberto Belangero, com um macacão vermelho e camisa amarela. Chama o goleiro Edson, conversa a sós com ele durante alguns minutos, depois vai falar com o diretor de esportes Manoel de Oliveira, que sobe para a secretaria do clube.

– Fica aí que parece que vai ter novidade. – disse um diretor do Paulista. – Uma bomba, é bom esperar. . .

Quase às 16 horas – os jogadores já em treinamento – chega o presidente Wanderley Pires, junto com o presidente do Conselho, Paulo Fehr, e outros dirigentes. De dentro do campo, o doutor Manoel de Oliveira chama Wanderley. Quase ao mesmo tempo, Roberto interrompe o treino, vai falar com o presidente:

– É o seguinte, os jogadores disseram que queriam falar com o senhor e eu interrompi o treino para que eles conversem.

Foram para o meio do campo, Wanderley acompanhado de Manoel, Décio D'Angieri (vice-presidente), Paulo Fehr, fotógrafos e repórteres locais. O goleiro Edson, em nome dos jogadores, pede que Wanderley continue à "testa" do clube. Wanderley sentiu-se "lisonjeado" com o convite, emocionado até. Fez um pequeno discurso lembrando que "a família que reza unida permanece unida", que, sendo um pedido dos jogadores, ele aceitava continuar" comandando a nau, que já esteve cheia de água em outras ocasiões mas que agora navega em águas mais tranquilas". E concluiu pedindo o esforço de todos para que o clube possa alcançar os "píncaros da glória".

Em outros tempos, haveria muitas queixas, com certeza. Agora os jogadores não reclamam de atraso de pagamento, por exemplo – isso, eles fazem questão de afirmar, não tem sido problema. Comida? "Nababesca", segundo o presidente Wanderley Pires. Ele é apoiado pelo diretor Manoel de Oliveira.

– Pode vir qualquer dia aqui, sem avisar, e almoçar com os jogadores. Garanto que você vai gostar da comida.

Alojamentos? Melhores do que em muitos, muitos clubes do interior, afirma o diretor Manoel, que tem acompanhado o clube em todas as partidas. Quanto a isso, um jogador que não costuma dormir sempre na concentração disse que "faz muita friagem" nos quartos, o que não chega a ser uma tragédia, segundo Wanderley Pires:

– Ué, eles têm manta, têm cobertor. . . O Bosco disse que ela é melhor que a do Guarani, pergunta a ele.

– Pergunte ao Brinda como ele dormiu lá no Juventus, há algumas semanas – diz um diretor – Ele foi fazer testes lá e teve que dormir no chão. Agora, aqui, os quartos são todos revestidos com taco, tudo é mantido em ordem. E a sala dos jogadores, você viu a sala?

É uma sala bem arrumada, com sofás, televisão, mesa de bilhar, mesa de pebolim....

– Tudo isso nós compramos com o dinheiro da nossa "caixinha" – explicou o jogador Nobre. – Antes, os jogadores ficavam sentados no chão para ouvir as palestras.

Quanto ao relacionamento entre os jogadores e diretoria, sem problemas, segundo os atletas. Mas eles – pelo menos alguns – parecem magoados com alguma coisa. O que seria?

– Olha, o que deixou a gente meio chateada estes dias foi aquela publicação de quanto a gente ganha. Acho que a diretoria não deveria liberar isso ao jornal, puxa, isso é um assunto particular nosso. – disse um deles, acrescentando logo em seguida: – Mas veja lá o que você vai publicar, hein?

Para terminar: eles querem mesmo que Wanderley Pires continue na presidência do clube?

Querem. Afinal, como o goleiro Edson diz, o "time precisa é de tranquilidade", e ela "pode ser conseguida agora", com a manutenção do presidente Wanderley. Cícero concorda:

– Já pensou se ele sai e entra um "picareta", um cara que não dá a mínima para os jogadores? Aí seria o fim...

Perto dele, o ex-presidente do Jundiaí F.C., Eliézer Prado, acompanhado de um rapaz alto: "Vim trazer o Vavá para treinar. Um craque".

CRISE: A TORCIDA NEM SE ASSUSTA MAIS.

Nem mesmo os torcedores mais fanáticos do Paulista apareceram no estádio Jaime Cintra na última quinta-feira, para ver o coletivo do time para o jogo contra o Corínthians. Ao contrário do que sempre acontece, quando o clube está em boa situação no campeonato – como aconteceu no primeiro turno – apenas alguns torcedores presenciaram o treino, que começou por volta das quatro horas.

Os torcedores que apareceram não somavam mais de vinte pessoas. A maioria permaneceu calada, sem fazer comentários sobre a crise que estava ocorrendo com o Paulista, com a possível saída do presidente Wanderley Pires. Ninguém parecia muito preocupado com o pedido de demissão de Wanderley e a frase mais comum era a de que "isso não passa de fofoca, logo tudo volta ao normal".

José Jurkvich é vendedor de amendoins e assiste todos os treinos e jogos em Jaime Cintra. E faz isso há dez anos, quando mudou para Jundiaí, vindo de Olimpia, "uma cidade pequeninha lá do Interior do Estado".

Este tipo de crise não o abala mais, porque sempre acontece, basta o time não ganhar. Mesmo antes de saber que Wanderley Pires viria até o estádio, a pedido dos jogadores, José já afirmava que o presidente não deixaria o clube.

– Sabe, durante todo esse tempo que venho assistir treino e vender meus amendoins – explicou José – já cansei de ver presidente falar que vai deixar o Paulista. Mas no fundo isso não acontece.

Todos de pé, parados sob a marquise das numeradas, os poucos torcedores assistiram o coletivo e não acreditavam na saída de Wanderley. "Isso prá mim tá cheirndo coisa do presidente. Vocês vão ver só: daqui a pouco ele aparece e diz que não vai dar para sair, que a torcida pediu, que os jogadores pediram e não acontece nada". Essa era a opinião do rapaz de blusa azul que não quis dizer quem era, "porque nesse negócio de fofoca eu não boto meu nome".

Um diretor do Paulista comentou que tinha pouca gente assistindo o treino coletivo. "É sempre assim – falou o diretor – basta o time perder algumas partidas e os "fiéis" torcedores logo somem daqui".

Por volta das quatro e meia da tarde o presidente Wanderley Pires apareceu em Jaime Cintra, acompanhado de diversos diretores, e foi para o centro do gramado. Falou com os jogadores durante uns quinze minutos. E como já era esperado por todos o presidente resolveu continuar no Paulista.

Os poucos torcedores não pularam de alegria, como fazem nos gols do time, como se já esperassem por esse desfecho da crise. Eliezer Prado, que há dez anos torce para o Paulista comentou com os amigos: "eu não disse que tudo isso ia acabar em nada? O Wanderley não teria coragem de largar o barco agora.

– Crise ruim mesmo aconteceu no tempo do Jairo Maltoni – comentou um torcedor – quando os jogadores entraram em greve, por falta de pagamento. Naquela época eu até pensei que o time ia estourar.

Assim que a notícia de que tudo estava praticamente normalizado chegou ao conhecimento dos torcedores, o rapaz de blusa azul que antes tinha adivinhado o fim da crise, sorriu com ar de grande entendedor dos problemas do Paulista. "Não disse? Não disse? Isso tudo não passou de papo furado. Foi balão de ensaio, rapaz".

Passada a crise, os torcedores acreditavam apenas em uma coisa: basta o Paulista empatar com o Corínthians ou com o Comercial para que as coisas voltem ao normal.

(S.H.)

Reportagem: Leda Cassins

A TORCIDA DECIDE: O APOIO COTINUA.

No sábado passado, por volta dos 30 minutos do primeiro tempo, quando o São Paulo marcou seu quarto gol, alguns torcedores do Paulista tentaram rasgar as faixas da torcida "Tomi" e "Gamor". Depois de algumas brigas, as faixas foram retiradas do alambrado, como medida de segurança, mas mesmo os elementos mais nervosos das torcidas organizadas mudaram de atitude: passaram a torcer contra o Paulista.

Além disso houve uma xingação, dirigida aos diretores do time que estavam dentro do campo cercado. Mas Wilson Tiene, o Garibaldo, presidente da torcida Gamor, não vê o fato como uma pressão que pudesse chegar ao ponto de levar a diretoria a se demitir.

Garibaldo diz ainda que ninguém pode ser considerado o culpado pelo que aconteceu:

– Minha torcida é composta de 150 elementos uniformizados. Todos têm sua maneira de pensar, têm seu sentimento pelo Clube que, afinal de contas representa Jundiaí. Como todo mundo pagou seus 20 cruzeiros, acharam que podiam ter a liberdade de fazer o qu achavam certo. Mesmo porque não foram só elementos da Gamor ou Tomi que tomaram aquela atitude e ninguém pode segurar uma massa.

Garibaldo vê a atitude da torcida como uma revolta, causada pela série de fracassos do Paulista no 2.o turno do Campeonato:

– No primeiro turno, o clube vinha fazendo uma boa campanha. Antes, o Paulista não tinha nem crédito em bancos, mas a diretoria soube administrar. O time ficou vários jogos sem perder, mas derepente decaiu de uma maneira impressionante. Então a torcida começou a se revoltar, e não foi só a organizada.

Para estas derrotas, Garibaldo não encontra explicações pois, "os jogadores eram os mesmos, o técnico o mesmo, os adversários e diretores também. Então é o tipo de coisa que não entendemos".

De forma alguma, Garibaldo acha que a torcida pressionou a direção a se demitir, pois tudo que fizeram foi cumprir o que propunham: "Nós fizemos o que pudemos. Fomos ao campo em todos os jogos, de todas as cidades, e as rendas foram razoáveis. Olha que não é qualquer cidade que consegue levar tanta gente ao campo numa quarta feira à noite. Então nós mostramos nosso serviço, estavamos acompanhando e apoiando, e eles tinham que mostrar o deles".

Garibaldo acredita que todos os incidentes daquele sábado não foram tão significativos, mas ele concorda que naquela hora falharam:

"Nós, por apenas seis jogos, nos revoltamos. Mas imagine os corintianos que não vêem o time campeão há 23 anos. . . Mas foi um ato de momento, não quis dizer que a torcida estivesse abandonado"

POSIÇÃO DA GAMOR

No dia seguinte ao jogo São Paulo x Paulista, a torcida Gamor reuniu-se e fixou sua posição: continuarão apoiando seu time da mesma forma como vinham fazendo – até mais se for preciso – e continuarão mantendo-se alheios aos problemas administrativos, pois não é essa sua função.

Conforme fala Garibaldo, não é vantagem para a torcida combater esta ou aquela diretoria, mesmo porque, fala, "nós somos apenas uma pequena parte do todo".

Continuando, ele diz o que esperam: "Nós queremos é ver alguém tomando conta. Pois o importante é que o Paulista não seja rebaixado para a segunda divisão. Daí não teremos mais a oportunidade de ter um Corintians ou um Palmeiras em nossa cidade. Entramos e vamos até o fim".

Quanto ao que os jornais divulgaram, dizendo que as torcidas organizadas estariam acusando o jogador Bosco de liderar uma rebelião de jogadores contra o técnico, Garibaldo fala que não é verdade: "Nós não sabemos de nada que acontece lá dentro. O contato da torcida com o time só se dá na hora do jogo".

Além disso não há qualquer ligação dessas torcidas com a direção, a ajuda só existe quando por exemplo algum torcedor é preso durante uma briga.

Confirmado o apoio da Gamor, no jogo de sábado, Paulista Corintians, muitos torcedores foram de carro apreciar o jogo. Não fizeram caravana pois, como fala Garibaldo, "não tem graça levar dois ônibus de torcedores para enfrentar a torcida corintiana. Nós sabemos que somos minoria, mas não queremos nos sentir inferiores".

Assim, a torcida Gamor continuará atuando da mesma forma como vinha fazendo pois, diz Garibaldo, "se não for público ao campo, não há renda. Sem ela o plantel decai, e nessa o clube afunda. Se ficar um ou entrar outro, o Paulista será o Paulista da mesma forma".

O que Garibaldo quer mesmo é que essa confusão toda acabe de uma vez. Ele não aguenta mais. Todo mundo fala com ele na rua, já recebeu vários telefonemas anônimos, está cansado. "Imagine que telefonaram várias vezes para minha casa, ameaçando bater em mim na rua. Quando eu não estou em casa, minha mãe atende o telefone e ouve os sujeitos falando essas coisas. Assim não dá mais, estou cansado mesmo".

TOMI

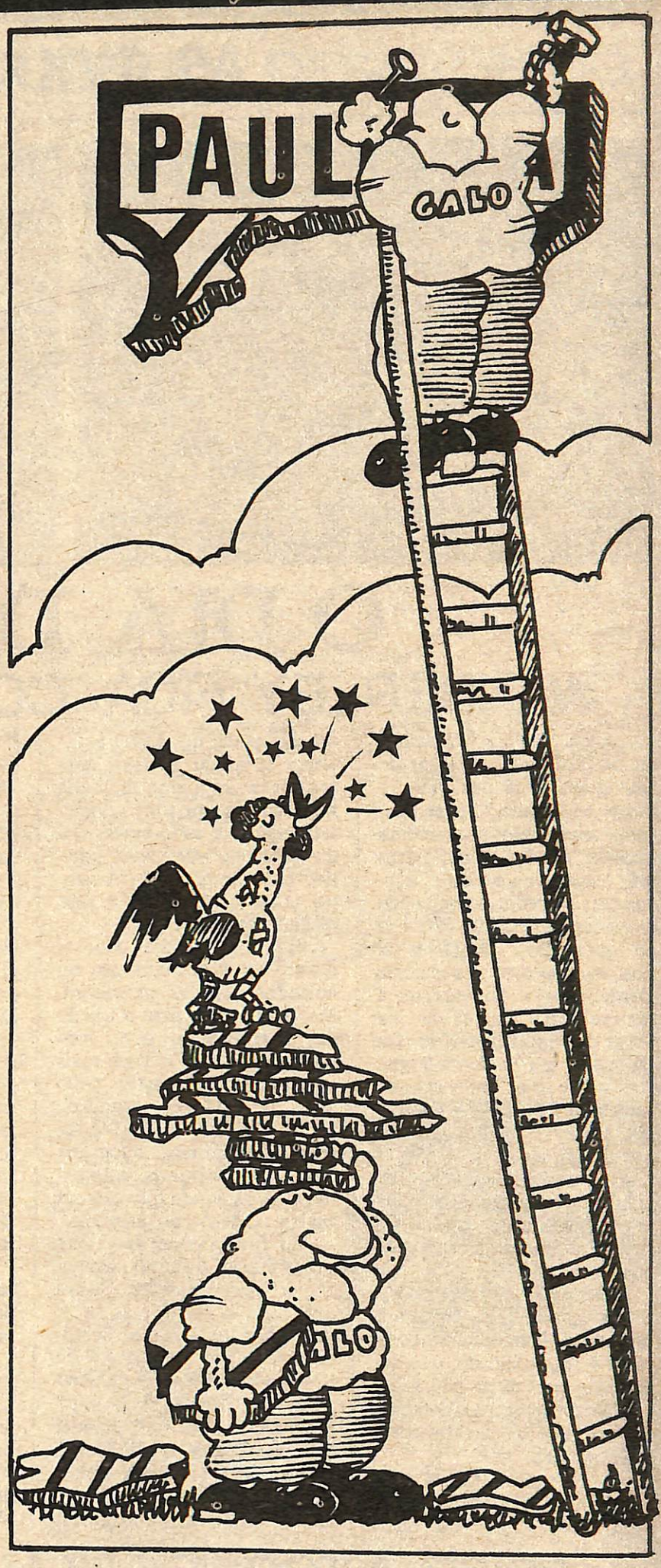
Da mesma forma que a Gamor, a torcida Tomi continuará indo ao campo normalmente, e inclusive durante a semana, estavam recrutando as pessoas para assistirem em São Paulo, o jogo Paulista x Corintians.

Maria Malvina de Godói, chefe da torcida Tomi, reafirma tudo o que foi dito por Garibaldo. Assim como não consegue entender a crise do Paulista, não tem explicações para a atitude da Diretoria do Clube.

Malvina não estava presente quando foram retiradas as faixas no jogo Paulista e São Paulo. Assim que soube, tentou falar com a torcida para que recolocassem, mas como haviam alguns elementos alheios à torcida uniformizada tentando rasgá-las, viu que isto não seria possível.

Tomando a mesma atitude que a torcida Gamor, que faz um trabalho igual, com as mesmas finalidades, Malvina declara:

"O que está acontecendo lá dentro não nos interessa, para os torcedores está tudo normal. Em comum acordo decidimos que continuaremos a nos manter neutros com relação à diretoria. Não temos nada a dizer quanto a se devem sair ou ficar, e continuaremos apoiando o time – senão não tem graça: só existe torcida quando o time está ganhando?"





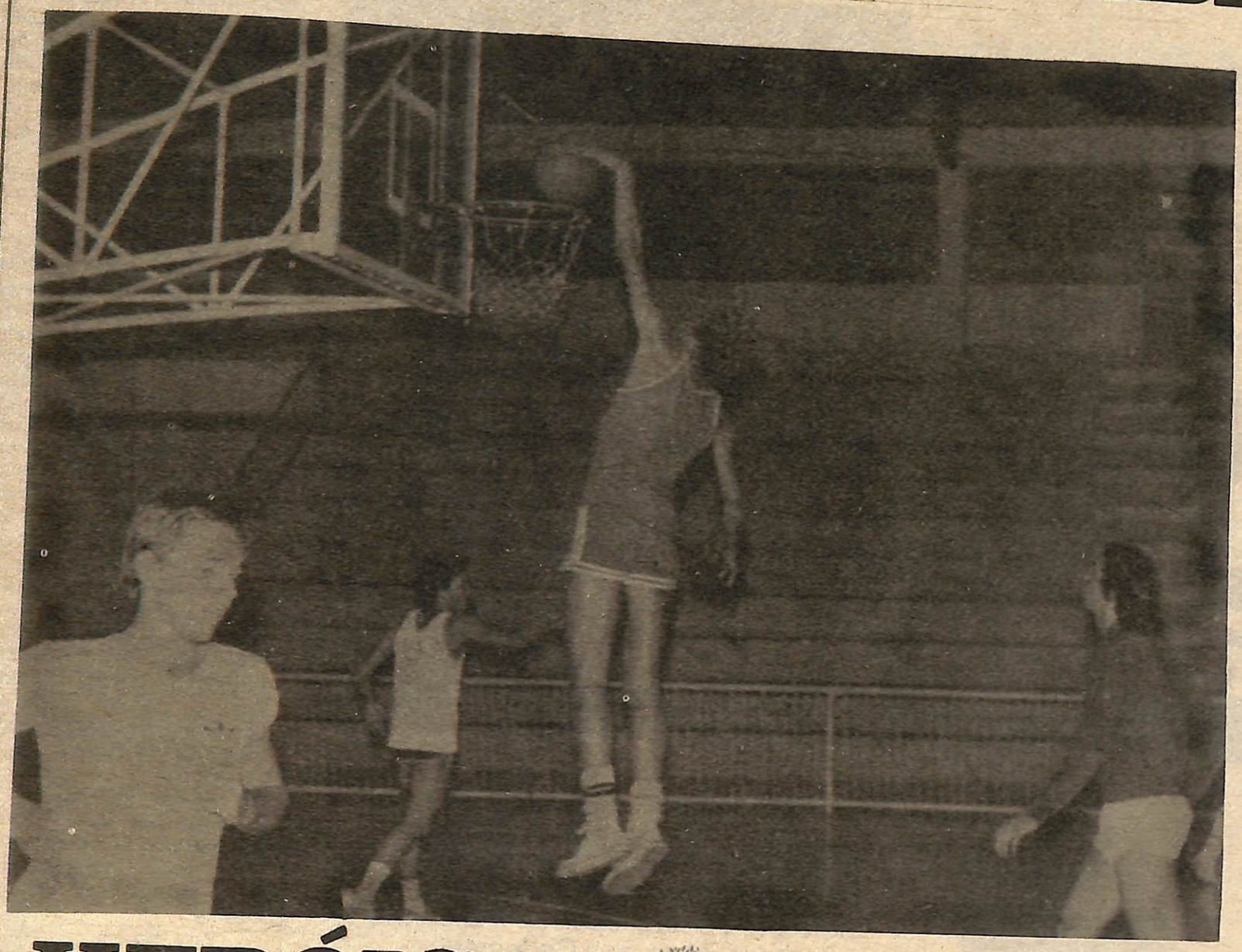
Garibaldo: vamos até o fim.



Malvina: tudo normal.

SPORTE VOLTA A VIBRAR?

Texto de Sérgio Henrique





Luís Geraldo: "não podemos esperar bons resultados para já".

NO QUADRO DE HONRA, CADÊ JUNDIAÍ?

Em termos de esporte, o período de dois a onze de julho do ano passado é de triste memória para os jundiaienses. Naquela ocasião aconteceram em Americana os Sétimos Jogos Regionais da Zona Leste, com a participação de diversas cidades, entre elas Jundiaí. Onze modalidades esportivas foram jogadas e em apenas uma delas, o basquetebol feminino, Jundiaí conseguiu o primeiro lugar, graças à atuação da equipe feminina do colégio Divino Salvador. Exceção à parte, no restante das modalidades os jundiaienses conseguiram apenas se colocar do terceiro lugar para baixo. O quadro de honra de Jogos Regionais ocorridos em Americana no ano passado apresentou a seguinte classificação dos jundiaienses:

Basquetebol masculino — 6.o lugar; basquetebol feminino — 1.o lugar; voleibol masculino — 4.o lugar; voleibol feminino — desclassificado; atletismo masculino — 4.o lugar; atletismo feminino — 3.o lugar; xadrez masculino — 4.o lugar; xadrês feminino — desclassificado; natação masculino — 4.o lugar; natação feminino — 4.o lugar; tênis de mesa, masculino e femino — desclassificados; tênis de campo masculino — 4.o lugar; tênis de campo feminino — 4.o lugar; saltos ornamentais — desclassificados; futebol — desclassificado; judô — 3.o lugar; ciclismo — desclassificado.

OS HERÓIS?

AH MABS



Ivange

Ivange Palermo Pereira, uma garota de 17 anos, começou a jogar basquete em 1972 e deu uma grande sorte: o colégio onde estudava e começou a jogar era o Divino Salvador. Alí, o Padre Olivo Binoto e o treinador Ângelo, conhecidos como grandes incentivadores do basquete em Jundiaí, lhes deram um conselho: Ivange deveria se dedicar ao bola ao cesto, porque ela levava muito jeito.

E isso foi o começo de uma promissora carreira para aquela menina de cabelos crespos, sorridente e que gosta de andar de motocicleta. Hoje, às vesperas da realização dos Jogos Regionais, Ivange é considerada como uma das principais jogadoras de Jundiaí e uma das reveleções do Colégio Divino Salvador. O seu esforço nos treinos tem sido recompensado: Ivange foi convocada duas vezes para a seleção brasileira e três vezes para a paulista.

Com ar de garota travessa ela explica que "adora jogar pelo Divino. Lá a gente tem conforto, viaja bastante, conhece muita gente e se uma jogadora se machuca o padre Olivo arruma até médico". Mas para Ivange isso não é tudo porque gosta de jogar basquete, uma das suas paixões. "Quando me dizem que isso não é coisa de menina, eu não ligo. Quem gosta do que faz não vê dificuldades".

Recentemente Ivange foi convocada para a Seleção Brasileira, mas logo em seguida, depois de algumas semanas de treino, foi cortada. Mas isso não a deixou triste, porque a convocação ajudou-a a ficar desinibida e melhorou bastante o seu preparo físico. "Tenho ainda três anos para conseguir uma vaga na seleção brasileira de juvenis, isso sem falar nas categorias superiores".

Em termos de futuro, Ivange esclarece que pretende fazer Odontologia, mas nem por isso vai deixar de jogar, pois "o basquete representa para mim uma coisa necessária, que eu não penso em deixar tão já".



Antônio Carlos

Desde os seis anos Antônio Carlos Pereira da Costa já aprendera com o seu pai a mexer as peças do xadrez, assim como todos os irmãos. Mas foi há cerca de três anos que seu interesse aumentou, quando através de um torneio divulgado nas escolas, ele conheceu o Centro Cultural e Recreativo XIII de Agosto.

A partir daí começou a frequentá-lo e a participar de campeonatos: em 1975 foi o 3.o colocado no Torneio Dr. Nicolino de Lucca; em 1976 obteve o 1.o lugar no Torneio Juvenil do 13 de Agosto; participou da equipe que ficou em 3.o lugar nos Jogos Regionais em São Carlos e ainda foi a três Jogos Abertos.

Mas nos Jogos Abertos, Antônio Carlos confessa que fica mais difícil para os jundiaienses se sobressairem: "vão equipes muito fortes, como as do ABC e algumas cidades contratam campeões de São Paulo para jogar por elas".

Antonio Carlos está com 19 anos e faz cursinho em São Paulo, para tentar Matemática na USP e depois optar por Estatística.

Ele acha que o xadrez é um jogo pouco incentivado em Jundiaí e faz algumas sugestões: "nas escolas deveriam haver torneios internos, com muita divulgação. Depois os alunos tomariam conhecimento e ficariam sócios ou participariam dos jogos no 13 de Agosto, pois lá tem gente que pode até ensinar. O importante é conseguir novos jogadores já que a turminha boa está entrando na faculdade e assim vai ficando mais difícil. o DEFERT também deveria colaborar mais — como, por exemplo, dando condução para os jogadores. Às vezes temos jogos em outras cidades, mas acabamos não indo".

Nesses Jogos Regionais, Antônio Carlos acredita que a equipe jundiaiense de xadrez (que além dele levará Nivaldo Passarin, Adalberto Mirandolla, Ivan Martini e talvez mais um) tem boas chances: "em São Carlos quase chegou lá. Acho que medalha a gente pega e talvez até um primeiro lugar"

OLHA AÍ, PREFEITO, D. ÉLIDE NÃO CONSEGUE ANDAR NESSAS CALÇADAS.



D. Élide: prioridade para as calçadas.

Em qualquer terra civilizada, quem paga imposto tem direito a reclamar. E é com o direito que lhe asseguram seus setenta e sete de contribuição sempre em dia que D. Élide Picchi queria "fazer uma reclamação no jornal, nem que seja para pagar".

Qual é queixa de Élide Picchi, 93 anos de idade, 77 de Brasil?

"São as calçadas, estão todas estragadas, só as da Rua Barão é que são melhorzinhas". A reclamação tem um sentido muito sério, partindo de D. Élide. Afinal, mesmo com 93 anos de idade ela ainda faz tudo a pé: as compras, as visitas a parentes, os passeios com seus muitos bisnetos. "Ecco. A gente nem pode andar direito por essas ruas. Também, os fiscais da Prefeitura só andam de automóvel. Se eles andassem como eu, a pé, iam ver o estado dessas ruas. Eu achava que a Câmara de Vereadores, ou a Prefeitura, sei lá, devia intimar os proprietários para consertarem as calçadas. Cada um consertando a sua a cidade inteira fica em ordem", sugere D. Élide.

Outros problemas? "O barulho dos carros e das motocicletas, à noite, aqui na Rua Barão. A gente não consegue mais dormir, de tanto barulho".

Para alguém que vive há mais de cinquenta anos no enorme sobrado da Barão, esquina com a Praça Marechal Floriano Peixoto, realmente o ruído aumentou muito, desde o tempo em que D. Élide trabalhava no açougue ali localizado, que foi de seu marido, depois de seu filho e hoje pertence a um neto.

"Precisava dar um jeito no barulho, à noite". Enquanto fala, D. Élide embrulha um pacote de carne e aproveita para explicar que "agora só ajudo, não mexo mais na carne".

Aproveitando a disposição da repórter, conta, com bom humor, que há quatro anos, durante uma das suas caminhadas, sofreu um acidente: "O motorista do ônibus que fazia ponto aqui em frente estava olhando para traz. Eu vi que o ônibus estava parado e atravessei. Ele tocou o ônibus e me pegou. Também, baixinha do jeito que eu sou . . . Mas não adianta, passei por tudo e estou aqui, ecco".

Terminadas as queixas, D. Élide pergunta: "Quanto é o gasto, minha filha? Não precisa pagar? Dio!". E sorri com esperança de que agora, publicadas, suas queixas serão atendidas.

Com a palavra o prefeito e os vereadores.

(N.R.: No dia seguinte ao desta entrevista, D. Élide — que a família chama de "Nona" — tornou-se tetravó, ou seja, deu início à quarta geração de jundiaienses, descendentes seus).

Entre na corrente da segurança.



Faça seu dinheiro crescer sempre mais!
Com uma Caderneta de Poupança Habitacional APE você tem tranqüilidade. É a certeza de correção monetária trimestral e dividendos - com absoluta segurança. Abra uma Caderneta de Poupança Habitacional APE. Lembre-se que dinheiro chama dinheiro. Veja o que a Habitacional APE fez pelos seus clientes em 1976:

COMPORTAMENTO DE UM DEPÓSITO DE Cr$ 10.000,00 NO ANO DE 1976		
CADERNETA DE POUPANÇA HABITACIONAL A P E		
1/01/76-SD		10.000,00
1/04/76-CM	667,50	10.667,50
1/07/76-CM	927,01	11.594,51
1/07/76-DV	516,69	12.111,20
1/10/76-CM	1.075,60	13.186,80
1/01/77-CM	1.200,13	14.386,93
1/01/77-DV	632,45	15.019,38
RENDA FINAL DO ANO - 50,19		

Caderneta de Poupança Habitacional APE
Campinas • São Paulo • Americana • Jundiaí

IBIS, CASO DE POLÍCIA.

DESDE A SEMANA PASSADA, IBIS É UM CASO DE POLÍCIA. NA DELEGACIA DE JUNDIAÍ, HÁ UMA REPRESENTAÇÃO POR AMEAÇA E UMA QUEIXA-CRIME POR INJÚRIA.



Toseto: ameaçado e injuriado. Ibis: ameaçador e injuriador.

Naquela manhã de domingo, há cerca de três anos, no bairro do Traviú, fiquei conhecendo o então prefeito Ibis Cruz. Repórter de um jornal diário local, tinha ido fazer a cobertura da palestra que ele tinha marcado com os moradores do bairro. As primeiras emoções: susto e raiva.

Ibis percebeu que havia um repórter do jornal que o estava criticando severamente. Não deixou por menos. Passou a atacar violentamente o diário, apontando para mim, como se fosse o responsável por todas as matérias publicadas contra ele. O ex-prefeito acusava o jornal de mentiroso e apontava para o repórter.

O susto inicial por, de repente, ser o centro das atenções, transformou-se em raiva porque Ibis não escolheu as palavras para tripudiar sobre o jornal e o repórter. Apesar disso, a matéria sobre o incidente foi publicada, sem paixão. E também sem condescendência.

No decorrer de sua administração desastrosa para o município, seu caráter foi se tornando cada dia mais claro. De temperamento instável, chegou a cometer atos que ficaram longe dos apropriados aos homens públicos. E apareceu um Ibis Cruz violento, ameaçador, capaz de ações inomináveis.

Há pouco mais de dois anos, ele esteve na rádio Difusora para um debate. Lá, achincalhou com a honra de cidadãos jundiaienses, não permitiu que os outros falassem. Quando o guarda municipal foi morto no jardim de sua casa. Ibis não hesitou em acusar até quem for à residência na tentativa de prestar alguma ajuda.

Na época das eleições, o ex-prefeito invadiu a casa de um funcionário municipal às 23 horas, acordando a todos, somente porque ele havia embaraçado seu candidato no comício do bairro com perguntas. E, como na maioria das vezes, Ibis não estava sozinho para ameaçar. A seu lado, alinhavam-se alguns de seus asseclas.

Além desses fatos conhecidos e noticiados, há muitos outros comentados e testemunhados pela cidade de atitudes violentas do ex-prefeito, Ele tinha tanta certeza de perpetuar sua administração que chegou a prometer mudar da cidade caso seu candidato, Arnaldo Martins dos Reis, não ganhasse as eleições.

Mas o candidato de Ibis perdeu. Com a nova administração, começaram a surgir inquéritos para apurar as irregularidades que teriam sido cometidas durante sua gestão. Na prefeitura ficou pronto o do desvio de materiais para a construção de casa do funcionário Iris Menegassi.

Nesse inquérito, Ibis apareceu como um dos responsáveis. Sua reação não tardou. E foi nos mesmos moldes de seus comportamentos anteriores: a ameaça, a provocação. Infeliz nestes atos, agora a vítima, um dos integrantes das comissões de inquérito, Antonio Fortunato Toseto, está processando o ex-prefeito com duas ações.

A HISTÓRIA

No dia 19 último, às 9h15, – segundo sua versão – estava Toseto conversando com Owen Zillo na calçada da rua Campos Salles, esquina com Jorge Zolner, quando Ibis desceu de um carro. Sem qualquer explicação, o ex-prefeito dirigiu-se a ele aos gritos:

– Quero bater em você, seu ordinário. Fale qualquer coisa para eu começar a lhe quebrar a cara. No relatório da comissão, você me chamou de ladrão, seu cachoro.

Apesar do medo, Toseto manteve a compostura e respondeu:

– Ibis, como funcionário municipal fui designado pelo Prefeito para ser membro de várias comissões de inquérito e naquela do desvio de materiais mandamos um ofício para você se defender, a fim de que não corresse à revelia. O relatório final não é de autoria individual, mas sim uma síntese da conclusão de todos os membros da comissão.

Mais calmo, mas ainda ameaçador, Ibis disse:

– Não interessa, vou lhe quebrar a cara, seu palhaço. Diga que sou ladrão – seu (palavrão) –, se for homem reaja.

– Você é peso-pesado, eu peso-pena – disse Toseto –, você está bom de saúde, eu fui recentemente operado. Não tenho condições de reagir às suas ofensas.

Ainda intimidador, Ibis finalizou sua enxurrada de ameaças:

– Você não apanha hoje, mas vou lhe quebrar a cara qualquer dia deste, seu cachorro, pois você é covarde, você não é homem, você é um pinguço, (e uma lista enorme de palavrões que não vale a pena repetir aos leitores).

Esta versão está na representação por ameaça e na queixa-crime por injúria que o advogado Wellington Barbosa Martins encaminhou à Delegacia de Polícia de Jundiaí, na semana passada, para a instauração de inquérito.

Nesses dois casos existe a possibilidade da vítima conceder perdão (hipótese que o advogado considera remota) e, no caso da posterior condenação, pena de detenção de um a seis meses ou multa. A consequência mais grave é que o réu perde sua primariedade em outros incidentes.

Sobre mais esse processo contra o ex-prefeito em que está trabalhando, Wellington declarou:

– São um absurdo as atitudes de Ibis. Um homem que invadiu a casa de um funcionário público, que injuriou pelo rádio e a imprensa famílias tradicionais de Jundiaí, que há alguns dias proferiu palavras de baixo calão num salão de barbeiro do centro, agora chega ao cúmulo de ameaçar e querer agredir um cidadão que participa das comissões que investigam as irregularidades havidas na sua nefanda administração.

– Em razão dos vários processos que responde atualmente – continuou – e não tendo justificativa para reprimí-los, parece-nos agora que o que Ibis quer é provocar para ser agredido e depois dar uma de mártir. Quer ele tapar o sol com peneira. Entretanto, gostaria de saber se ele vai ou não vai mudar de Jundiaí, conforme prometeu. A população e a Justiça devem ter conhecimento desses atos levianos de Ibis para dar um paradeiro nisto.

Chafurdando na lama de seus atos, o ex-prefeito ainda, aparentemente, mantém pretensões de se eleger a deputado, presumivelmente estadual. Os mais otimistas, porém, dizem que sua carreira política, que nunca deveria ter começado, encerrou-se na Prefeitura de Jundiaí.

Para quem acompanhou a trajetória atribulada da sua administração, isso chega a ser um conforto. O modelo de política mentirosa, violenta, semeadora de ódio e útero gerador de legiões de cúmplices interesseiros e agentes da corrupção que agora vêm a tona, só pode merecer um profundo desprezo. E isto se estende ao sistema que o criou e a todos os que se aproveitam disso. **(Carlos Kazuo Inoue)**

ALÉM DISSO...

O ex-candidato a prefeito Arnaldo Martins dos Reis, ex-secretário da Saúde e ex-superintendente do Hospital São Vicente, foi depor na Justiça do Trabalho semana passada. É que cerca de 20 médicos estão querendo receber os três últimos salários da administração passada.

O caso, um tanto complicado, é mais ou menos assim: nesse período, nenhum desses médicos recebeu pelos serviços prestados. Então entraram com uma ação na Justiça do Trabalho para que a Prefeitura pagasse. Mas ocorre que, aparentemente, a Prefeitura é parte legítima do caso. Isto é, está com razão, já que não houve nenhum documento firmado entre as partes, nem sequer formalizou-se com documentos a admissão dos médicos.

Mas eles realmente trabalharam, então devem receber. O Dr. Arnaldo, como responsável pelo setor, foi esclarecer uns pontos obscuros. Acredita-se que o Hospital São Vicente seja obrigado a desembolsar o dinheiro. Outros, porém, acham que o culpado pela situação irregular dos médicos é que deve pagá-los. No caso, o ex-Reis.

A Prefeitura considera indispensável a duplicação da estrada de Itu em seu percurso inicial (até o ramal de saída da estrada de Itupeva). Por se tratar de obra de pequeno porte, já foi solicitada a intervenção do secretário dos Transportes do Estado para providenciar. Assim, espera-se que a execução da obra fique ao encargo do DERSA.

Está concluído o viaduto da Vila Rio Branco, inclusive com ajardinamento das áreas sob a pista. O viaduto recebeu recapeamento asfáltico, o que deverá impedir a estagnação das águas pluviais e evitará o risco a que toda a estrutura ficou exposta durante oito anos. Além disso, foram desobstruídas e refeitas as galerias pluviais.

Fernando Ramos de Souza, com desenhos, e Isaías Francisco de Morais, com pinturas, vão participar da primeira exposição do Conselho Municipal de Cultura, através da Comissão de Artes Plásticas. A mostra será aberta dia 16, no Museu Histórico e Cultural Depois a exposição deverá ser montada em outros locais.

DISCO & SHOW

Pedro Autran Ribeiro

Muita coisa boa já nas lojas ou por ser lançada, neste período de revalorização do músico brasileiro. Da associação entre a Copacabana e a Marcus Pereira, os primeiros frutos estão aparecendo. As duas primeiras amostras, em selo da Marcus Pereira, são as reedições de **Altamiro Revive Pattapio e Interpreta Clássicos,** gravado em 1957, e **História de Um Bandolim-Luperce Miranda,** gravado em 1974. No primeiro, Altamiro Carrilho toca algumas preciosidades de Pattapio Silva, um flautista quase desconhecido das novas gerações. No segundo, Luperce Miranda, recentemente falecido, mostra seu estilo irretocável, infelizmente poucas vezes registrado em disco.

A serem lançados, neste começo de mês: Sivuca-Rosinha de Valença e Luiz Gonzaga-Carmélia Alves, ambos gravados ao vivo, no show das seis e meia no teatro João Caetano.

E mais: o disco de Chico Soares, o Canhoto da Paraíba, produzido por Paulinho da Viola (já mixado e pronto para lançamento). Chico é um dos chorões mais considerados do país há muitos anos. O disco chama-se **Com Mais de Mil** e sai pela Marcus Pereira.

Também Paulinho Nogueira está com disco quase pronto (em fase de mixagem). Chama-se Na Chegada do Verão. **Selo Phonogram.**

O Brasil será representado, no festival de Montreux, Suíça, pelo conjunto Azimuth, que ainda não conseguiu emplacar por aqui. O Azimuth foi convidado pela direção do festival e se apresenta logo no primeiro dia (o festival vai de 9 a 12 de julho).

Rita Lee, de volta e com força, depois do nascimento de seu filho, considera "Arrombou a Festa", seu segundo grande sucesso (o primeiro foi "Ovelha Negra"), depois de que deixou os Mutantes, apenas uma brincadeira muito saudável com a MPB:

— Acho a música popular brasileira ótima, muito versátil, rica, permitindo que o artista tenha muitos caminhos para escolher.

Mas tem muita gente que não entendeu assim: Agnaldo Timóteo, por exemplo, diz que vai gravar uma resposta, onde espinafra todo o pessoal do rock brasileiro.

Por falar em Rita, ela é autora de uma das faixas do disco Norma Canta Mulheres, gravado por Norma Bengell para a Phonogram, com música só de compositoras. Norma, que já apareceu em disco outras vezes ("Você" com Dick Farney, foi a mais executada de suas gravações) tem uma voz de pouca extensão, mas bem agradável.

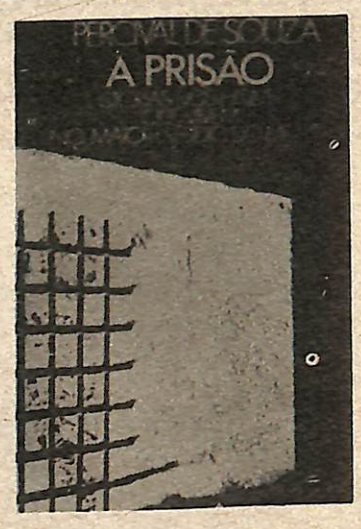
Bem ao contrário de outros "cantores" que estão entrando na praça, como o desafinado, sem graça e anti-cantor Mário Gomes, badaladíssimo pela Globo (hei, rede Globo: por que não divulgar a trilha do Sítio do Pica-pau Amarelo em vez dessa xaropada do Mário Gomes). Agora estão dizendo que Tony Correa, o Machadinho da Novela Loco-Motivas, vai gravar um disco de fados. Quem é que aguenta?

Tanta gente falando em crise, e a noite em São Paulo prometendo várias novidades para os próximos meses. Eis as promessas: em julho, no centro da cidade, deve surgir nova casa de samba, propriedade de Bachur Esperidião (ex-Fina-Flor do Samba, Balacobaco e Cantadeira); para princípios de agosto, na alemeda Lorena, no mesmo local onde Hélio Souza tinha o seu Dobrão, mais uma dischotèque: Anabelle; também em agosto, o grupo de Luís Vassalo inaugura, no sofisticado Jardim Paulista, uma dischotèque dedicada exclusivamente aos jovens da sociedade negra de São Paulo, tudo na base do soul.

JORNAL DO LIVRO

Mário Marinho

A PRISÃO (Percival de Souza, editora Alfa-Omega, 128 páginas, Cr$ 40,00. Segundo colocado na lista de mais vendidos da livraria Anhanguera e que esta semana será lançado já em segunda edição).



Existe um mundo cercado de grandes muros, de grades, de barras de ferro, protegido (?) por guardas armados e funcionários experientes. Nesse mundo deveriam conviver cerca de duas mil pessoas; mas lá estão mais de seis mil. São seis mil pessoas dos mais diversos níveis: assassinos, assassinos sanguinários, ladrões, traficantes, tarados sexuais.

Esse mundo tem suas próprias leis; ali a justiça obedece a um rito sumaríssimo e o juiz é também o carrasco que executa; ali se fazem casamentos, embora seus habitantes sejam, todos, do mesmo sexo. Esse mundo tem o seu comércio: vendem-se ali os mais diversos tipos de tóxicos, produto de colocação fácil. E, como em qualquer parte do mundo, existe uma moeda: o maço de cigarro **Kent**. O valor da moeda é determinado pelas oscilações de uma autêntica bolsa de valores; assim, um tipo de serviço hoje pode custar dois maços de cigarros **Kent** e na semana que vem três ou quatro.

Os habitantes desse mundo estão ali de passagem. Todos os dias saem alguns poucos e chegam muitos outros. Esse mundo foi visitado pelo repórter Percival de Souza, (sem dúvida, hoje o melhor repórter policial do País), visita minuciosa, como minucioso também é o seu relato sobre a vida na Casa de Detenção de São Paulo que, ao final do ano passado, abrigava 6.400 presos, número bem superior aos 2.200 a que ela se propunha na inauguração.

Percival de Souza mostra a incrível vida desses presidiários, seus dramas humanos no clima desumano que os cerca. Ele conviveu com esse povo, deu **pontapés iniciais** em seus jogos de futebol, participou de festinhas (numa delas levou até sua filhinha de quatro anos) e conquistou a confiança do presidiário, do guarda, do diretor da prisão, do funcionário encarregado da disciplina para fazer o seu relato.

É um relato impressionante.

Mas, sobretudo humano. Como, de resto, humano também é o repórter Percival de Souza.

CATÁLOGO

O jornalista Antônio Contente lançou terça-feira, no Centro de Convivência Cultural, aqui ao lado, em Campinas, e na sexta-feira, no outro lado, em São Paulo (Sindicato dos Jornalistas Profissionais), o seu primeiro livro: "Um doido no quarteirão". Trata-se de coletânea de contos e crônicas publicados por Antônio Contente nos diversos jornais por onde passou nas duas últimas décadas.

A Nova Fronteira acaba de lançar a terceira edição de "A casa verde", de Mário Vargas Llosa. Junto dessa edição, em apêndice, uma novidade: "História Secreta de um romance" onde o autor conta como escreveu sua obra. Llosa chama essas páginas de strip-tease: "Nelas, me desnudo como a moça que, sob os refletores, mostra um por um seus encantos secretos".

Por falar em Mário Vargas Llosa, ele estará em Belo Horizonte esta semana. Vem a convite da Universidade Católica de Minas Gerais onde fará conferências.

"A casa do meu avô", de Carlos Lacerda; "A Prisão", de Percival de Souza, e "Somos seis" de Chico Xavier, são os três livros mais vendidos em Jundiaí, segundo a Livraria Anhanguera (rua do Rosário, 421).

"Tempo de mudar", do ex-ministro da Indústria e Comércio, Severo Gomes, vai ser lançado este mês pela editora Globo, de Porto Alegre.

José Louzeiro, autor de "Lúcio Flávio – Passageiro da Agonia" e "Aracelli meu amor", volta ao romance-reportagem com "Acusado de homicídio", das Edições Nosso Tempo. É a história de um repórter de polícia cujos conflitos interiores o lançam no caminho da violência e do crime.

A livravia Anhanguera sugere: "Os militares no Poder", de Carlos Castelo Branco; "Crônicas de Nuestra América", de Augusto Boal; "Galvez, o Imperador do Acre", de Márcio Souza.

A Editora Convívio lançado o seu Prêmio Convívio-Cultura para: Conto e Crônica – **tema livre, originais datilografados em espaço dois, papel ofício, quatro cópias, com julgamento baseado num conjunto de pelo menos três contos ou crônicas inéditos;** Poesia, **tema livre, com julgamento baseado em um conjunto de pelo menos três poesias inéditas;** Fotografia – **tema livre, fotos em preto e branco, 18x24, deve-se indicar tipo de filme, câmara, lente, abertura, com um mínimo de três fotos;** Charge – **tema livre, preto e branco, papel tamanho ofício, com julgamento também baseado num conjunto de pelo menos três charges inéditas. Prêmios: Cr$ 4.000,00 para o primeiro colocado e de . . . . . Cr$ 2.000,00 para o segundo. A entrega dos trabalhos deve ser feita até o dia 10 de agosto na sede da Convívio, à alameda Eduardo Prado, 705, Campos Elíseos, 01218, São Paulo, Capital.**

COMÉRCIO DE COUROS



Colas as mais variadas (Cascola, Lavulfix e outras).
Vaquetas, atanados, solas.
Pregos, taxa, saltos e tintas em geral para calçados.

Rua Dr. Torres Neves, 338
Tel. 434 - 9541

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR

E ARMÁRIO DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 — Tel. 434 - 6398
434 - 6598 e 434 - 6798



Luiza Rafael

ACADEMIA: ESTÁ FALTANDO PRESTÍGIO.

Bem que a Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí tem se esforçado. Estão aí os concursos de crônicas e de piano para provar isso. Mas Jundiaí não se entusiasma – até agora, foram poucas as inscrições, e isso obrigou a academia a prorrogá-las até o final de julho.

Por que essa falta de interesse, a presidente Luíza da Silva Rocha Rafael não sabe explicar ao certo:

– Talvez seja por causa dos estudos, pois muitos estudantes estão com acúmulo de provas. Tanto que alguns do Anchieta, pertencentes à Academia Juvenil de Letras, vieram pedir para que o prazo fosse prorrogado.

De vez em quando, alguém telefona para pedir informações sobre o concurso, inclusive gente querendo saber, por exemplo, "o que é uma crônica" ("Pequeno conto, de enredo indeterminado" – Novo Dicionário da Língua Portuguesa). Mas Luíza tem uma queixa:

– Os professores também não se interessam, não incentivam os alunos. E os jornais pouco têm divulgado. A gente precisa ficar correndo atrás, às vezes algum repórter nos procura mas não sai muita coisa nos jornais. Acho que eles querem matéria paga. . .

Matéria paga? Nisso a Academia não pode pensar, de jeito nenhum. Sua renda é pequena, provém apenas da mensalidade de dez cruzeiros paga por pouco mais de trinta acadêmicas. A Academia não recebe nenhuma subvenção, o dinheiro para as promoções acaba saindo do bolso das organizadoras.

Bem que a Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí tem se esforçado. Agora, por exemplo, longe de ficarem desanimadas com os problemas, as acadêmicas pretendem entrar em contato com um deputado, para tentar fazer com que a Academia seja considerada de utilidade pública.

E, se alguém quiser colaborar ou participar dos concursos, pode telefonar para 436.2338, ou ir à rua Barão de Jundiaí, 403.

NETWORK

"Rede de Intrigas" (Network), um dos filmes mais premiados na última entrega do Oscar, começa a ser exibido no Marabá no próximo dia 8. Traz Peter Pinch (Oscar de Melhor Ator), Faye Dunaway e William Holden nos papéis principais. Conta a história de um apresentador de TV que enlouquece e promete suicidar-se diante das câmaras. Por distração, o desabafo do apresentador vai ao ar, e a audiência da rede de televisão sobe a níveis espantosos. Diante disso, a rede decide manter o apresentador no ar, e transformá-lo em defensor apocalíptico de uma camada da sociedade norte-americana, desiludida e descontente com a sua situação. Aqui, duas críticas sobre o filme. Uma contra, outra a favor.

Contra

Quando o diretor Sidney Lumet pediu ao velho, experiente, brilhante Henry Fonda que fizesse o papel de Howard Beale, o locutor de televisão, no seu novo filme, "Network" **(Rede de Intrigas)**, *o ator pediu para ler o roteiro. Levou-o para casa, leu-o, estudou-o, e foi falar com Sidney Lumet.*

Não – disse ele , não poderia aceitar o papel. Ele não havia conseguido entender o personagem criado pelo roteirista Paddy Chayefsky; achara o personagem inverossímel; suas atitudes era incompreensíveis, sem lógica.

Henry Fonda contou esse episódio em uma entrevista que concedeu recentemente a uma agência de notícias norte-americana. Acrescentando que esse foi o único papel que ele recusou em sua vida e que depois fez muito sucesso. Mas não mudou de opinião; realmente, segundo ele, o personagem de Howard Beale não é verossímel.

E alguém poderia dizer que é? Um manso, dócil leitor de notícias diante das câmaras de televisão que de repente se transforma em um "profeta irado", a berrar, confusamente, os males da sociedade capitalista aos prezados telespectadores, Howard Beale é – ou, pelo menos, deveria ser – a espinha dorsal do tema desenvolvido pelo roteirista Chayefsky e pelo diretor Lumet. E é uma espinha dorsal fraca, débil, irreal, inconsistente – assim como todo o desenrolar da trama.

Fica no espectador a estranha sensação de que assistiu a um filme meio de ficção científica, onde os fatos não têm muito a ver com a realidade, onde os personagens não se comportam como as pessoas que estão aí no mundo real, onde as reações das pessoas não são aquelas que as pessoas normalmente têm diante dos fatos. O problema é que o filme é **meio** *de ficção científica – mas só* **meio,** *porque procura, em parte, retratar naturalisticamente a sociedade norte-americana atual.*

E fica também – o que é pior – a frustração de se ter ouvido, perdidas no meio de tantos discursos estridentes e grotescos, algumas verdades importantes, sérias, algumas denúncias graves sobre o nosso sistema de vida e a forma como todos somos manipulados pelos detentores do poder. Algumas verdades importantes e denúncias graves que – no meio de uma obra mal costurada, mal elaborada, mal executada que é **Rede de Intrigas** *– soam com aquele gostinho tão antiartístico de um panfleto que emite velhos, batidos conceitos que todos nós já conhecíamos muito bem antes de ler.*

Sérgio Vaz

A favor

"Rede de Intrigas" é um filme que critica os exageros e o grotesco da televisão com as armas da televisão: o exagero e o grotesco. O roteiro de Paddy Chayefsky parece ter sido baseado no princípio da medicina homeopática: veneno cura veneno, ou algo assim.

Ninguém pode pretender que os personagens sejam verossímeis, assim como não é verossímel o mundo da televisão, nem os seres estranhos que povoam esse mundo.

A história do apresentador de TV que enlouquece (Howard Beale, vivido pelo premiado Peter Finch) e se transforma, em consequência da loucura, em líder de audiência da rede de televisão semi-falida, é uma evidente hipérbole. As situações narradas no filme, são propositalmente artificiais e vistas sob o prisma de uma lente de aumento que transforma as mazelas da TV em uma aberração grotesca.

Não é possível acreditar que uma diretora de programação (Faye Dunaway) vá para a cama com um ex-íntegro diretor de jornalismo (William Holden), e gaste todos os preciosos minutos do relacionamento, digamos assim, carnal, falando sobre as dificuldades de levar a rede a uma liderança nos índices de audiência e cantando para ele, que se mostra evidentemente enfastiado, as pequenas (e grandes) dificuldades que existem para alcançar esse supremo objetivo. É evidente que o exagero é proposital.

Como também são evidentemente exageradas as ironias com que são tratados os movimentos esquerdistas norte-americanos, envolvidos em negociações pecuniárias com a diretora da rede de tevê para levar suas ações ao ar – ao vivo. Exagerado também é o dono do conglomerado que assume a direção financeira da rede de TV, e comete apocalípticos discursos sobre o poder das multinacionais num mundo cada vez mais interdependente e menos dividido em facções ideológicas.

É exagerada a loucura do apresentador Beale, como também é exagerada a liberalidade da rede de TV em levar ao ar um sujeito que diz palavrões e contesta o sistema.

O filme todo é um deliberado exagero, uma deliberada hipérbole sobre o poder da televisão. É assim que ele tem que ser visto: como um filme que se apodera da linguagem da televisão, e a usa como forma de ironia contra a própria televisão. Se não fosse assim, seria uma novela sofrível.

Sandro Vaia

KING KONG



A gigantesca promoção de "King Kong" provocou tanta expectativa que, depois de ver o filme, uma boa parte dos espectadores reage da mesma maneira:

– Mas é só isto?

O próprio produtor, Dino de Laurentiis, não se preocupa com as reações:

– Não é obrigatório gostar de King Kong. Basta que vocês o vejam. Além disso, nada que se diga contra o filme impedirá que as pessoas morram de curiosidade por vê-lo.

Pelo menos em outros países, como nos Estados Unidos, a reação do público não foi a esperada. O filme não vem proporcionando os recordes previstos mas também os produtores que podem reclamar pelo menos o lucro vai superar em muito as despesas de 24 milhões de dólares gastas com a produção, garantem os principais críticos de cinema. **King Kong** custou 24 milhões de dólares – dos quais mais da metade justamente em promoção, "para que dê lucro", na complicada visão dos homens que hoje financiam o cinema americano. Terá de render pelo menos três vezes, só no mercado doméstico – Estados Unidos e Canadá. Se o filme conseguirá isso nesses dois países, é outra história. A verdade é que, com tanta promoção, inclusive com a própria atriz do filme – Jessica Lange – vindo ao Brasil (sem falar nas dezenas de **gorilas** espalhados pelas portas de cinema em todo o País), uma coisa é certa: aqui no Brasil, **King Kong** manda facilmente **Tubarão** e **Dona Flor** a nocaute. **(D.R.)**

PROGRAMA

No Marabá, de 4 a 7 de julho, "Love Story"; de 8 a 10, "Rede de Intrigas"; no Ipiranga, de 4 a 7 "Jecão, um Fofoqueiro no Céu", com Mazaroppi; a partir do dia 8, "King-Kong".

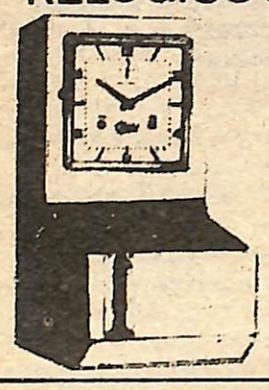


N&O PERIGO

HEIN?

Deu aí nos jornais. Santiago Carrillo, líder comunista espanhol, falando da URSS: "Na União Sovietica, assim como na Espanha durante a ditadura de Franco, há falta de informações". E disse mais: "Esses senhores pensam que ainda estamos nos tempos do Santo Ofício; arvoram-se em tribunal da Santa Inquisição e acham que podem lançar mão de anátemas e excomunhões. Acontece, porém, que o movimento comunista não é a Igreja". **(S.A.)**

RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL



REVENDEDOR AUTORIZADO

COMERCIAL PANIZZA LTDA.

BARÃO, 427 — FONE - 436.8231

EMPRÊSA DE TRANSPORTES Irmãos Vieira Ltda.

MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS
Filial — JUNDIAÍ
R. Senador Fonseca, 1150 - Fones 434.4482 e 436.5086
CAMPINAS (Matriz) — SÃO PAULO (Filial)
Fones: 31.3403 e 31.4303 - Fones: 227.0419 e 227.0453

FOTOCOPIADORA MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618 — Tel. 436 - 8460

JUNDIAÍ CLÍNICAS

Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 434.1067 — 434.1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436.3260 — 436.6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434 - 3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434.3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória, s/n.o - Jad. Messina
Fones: 434.1056 — 434.1666

NEBLINA

Para sua segurança, esta leitura é obrigatória.
Você vai enfrentar no caminho um dos elementos mais perigosos de uma estrada, a neblina.
Por melhor e mais bem sinalizada que seja uma estrada, o homem é sempre o maior responsável pelos piores acidentes.
A sua vida e a segurança dos que viajam em sua companhia dependem muito do seu comportamento e das condições do seu carro.
Seguindo as instruções abaixo, você poderá prevenir acidentes:
- Ao entrar na neblina, diminua a velocidade, sem frear bruscamente o carro.
- Mesmo durante o dia, use as lanternas traseiras e os faróis baixos de seu carro.
- Mantenha uma velocidade direcional baixa, mas constante. Nunca tente ultrapassar o veículo à sua frente.
- Se você precisar parar, por qualquer motivo, nunca o faça na pista. Mesmo com o pneu furado, procure o acostamento e sinalize sempre o local.
- Para o atendimento mecânico, solicite através do S.O.S. uma viatura da DERSA.

Boa viagem.

DERSA Desenvolvimento Rodoviário S.A.
SECRETARIA DOS TRANSPORTES
Governo do Estado de São Paulo
Desenvolvimento para Todos.

MEIO TARDE

Este panfleto começou a ser distribuído nos postos de pedágio da DERSA exatamente 24 horas depois que a vaca já tinha ido para o brejo na Via Anchieta. **(S.V.)**

SAI, LEÃO!

Do colunista Cláudio Mello e Souza **(O Globo)**, sobre o goleiro Leão:

"Leão não deve levar seu nome tão a sério. Gol não é jaula. Ele pode sair do gol à vontade". (Pela transcrição, **AF).**

BELEZA

Do lateral-esquerdo Marinho, da seleção brasileira (por enquanto):

— Querem me derrubar só porque sou louro e bonito.

Só "louro e bonito"? Então está explicado porque a convocação dele anda ameaçada. Tem que ser é polivalente. **(AF).**

SBPC

Se fosse Seleção Brasileira de Phutebol de Çalão, tudo bem, tudo azul, tudo legal. **(C.M.)**

EM CÂMARA LENTA

29 de junho de 1.977

Por ser São Pedro, ou talvez ser a última (epa!) sessão antes do (epa!) recesso de meio-de-ano, imperou o espírito de festa na Câmara dos Vereadores, quarta-feira passada.

Festa das duas lideranças, de braços dados combatendo o projeto do prefeito, que pretendia revitalizar um artigo do Plano Diretor revogado na gestão anterior (o projeto foi discutido durante três horas e acabou sendo rejeitado — 10 a favor, 4 contra, 3 abstenções — por não conseguir os 2/3 de votos exigidos por lei).

Festa de reconciliação, com a bancada do MDB apoiando maciçamente a emenda do vereador Ercílio Carpi ao projeto (aprovado) que regulariza a situação das Unidades de Serviço Médico e Assistencial: criadas com fins eleitorais pelo governo anterior, elas estavam até agora funcionando sem uma situação jurídica clara.

Festa de humor, com alguns vereadores pilheriando, através de apartes, com o esotérico discurso do vereador Edmar Correa Dias a respeito dos buracos de Vila Arens; e de outros vereadores gracejando com o surrealista pronunciamento de Henrique Vitório Franco a respeito de não se soube bem o quê.

Finalmente, festa caipira com vários representantes do povo dando botinadas contra a língua pela qual Camões e Ruy tanto lutaram para colocar no seu devido lugar. Destaque especial para Jorge Roque de Moura, o Calado, que assim se pronunciou, na hora de votar um dos projetos: "Se obstenho".

E viva São Pedro!

Erazê

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044--Tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Denardi

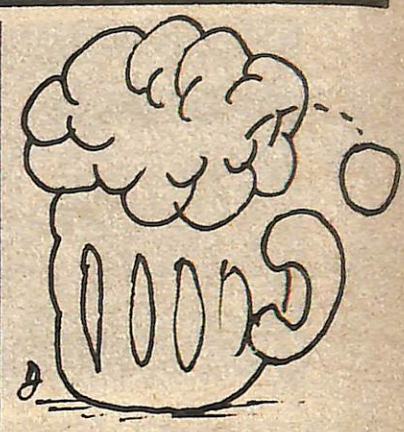
Kertane de Campos
ÓTICA MODERNA



Se a lente do seus óculos quebrou, não se preocupe. A ÓTICA MODERNA, com suas máquinas importadas fabrica qualquer lente em 30 minutos.

Fones: 434 - 7363 — 434 - 4351
Rua Barão de Jundiaí, 1012
O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE

Décio



TECNOLOGIA E CERVEJA

Uma firma lançou no mercado uma máquina automática de despejar bolinhas de tênis. Ou seja: você fica de um lado da quadra e a máquina do outro, cuspindo bolinhas a toda velocidade. E você lá, rebatendo as bolinhas da máquina, que nem bobo. Mostrei para um amigo meu, que não é um grande apreciador do esporte branco, mas gosta de um aperitivo. Ele olhou para a foto da máquina, perguntou como funcionava, achou interessante e tal, mas no fim perguntou, com o sobrecenho franzido: "Sim, legal, mas quando termina o jogo, na hora da cervejinha, o que a gente dá para ela? Uma lata de óleo?" **(S.V.)**

POR FORA

No parabrisa do meu carro,encontrei pregado um decalque escrito "Carnaby Market". Pregado assim, sem mais.

Não sei de que se trata, mas juro que nunca hei de comprar nada ali. Só pelo atrevimento de ir pregando coisa no carro dos outros viu Market? **(E.M.)**

CÂMARA LENTA

Ali, na minha coluna "Câmara Lenta" eu publiquei que o vereador Jorge Roque de Moura falou uma palavra errada. Deixa eu esclarecer que não sou contra quem fala errado, porque 70 milhões de brasileiros falam errado, os que atingem idade para tal.

No caso do vereador, registrei o fato simplesmente porque o homem, até hoje, só disse: **presente, aprovo, rejeito.** E na hora de abster-se falou errado. Ele deveria, pelo menos, decorar as falas, pô!

Afinal, ele ganha pra isso. **(E.M.)**

MARIA BUARQUE

A revista "Gentleman's Quaterly" publicou que o repertório de Maria Bethânia inclui músicas de sua própria autoria e do **irmão,** Chico Buarque de Hollanda.

Tudo bem, tudo bem, o povo de Santo Amaro da Purificação perdoa. Chato seria se a revista dissesse que ela é beque central do Atlético de Alagoinhas. **(AF).**

ASSINE O JORNAL DE 2a. UM JORNAL LIDO ATÉ POR QUEM NÃO GOSTA.



SÁBIAS CRIANÇAS

Aconteceu de verdade numa classe de alunos de inglês, com idade variando entre 10 e 12 anos. Um dos meninos levanta-se para reclamar qualquer coisa do professor, com bastante veemência. Seu vizinho de carteira aproveita a deixa e faz a piada, em voz alta: "Esse aí só reclama, reclama, reclama. Parece o **Jornal de 2a.!**" **(S.A.)**

CUIDADO COM OS NÓS

Depois que o coronel Toledo Camargo, assessor de imprensa da Presidência da República admitiu que a criação do slogan "Brasil, Ame-o ou Deixe-o" foi muito infeliz, as pessoas começaram a prestar mais atenção nesse tipo de propaganda institucional. "Slogans são facas de dois gumes – comenta-se – e às vezes um duplo sentido arruina a melhor das intenções". Por exemplo, esse slogan que está surgindo, "O Brasil é um país feito por nós". Já tem gente concordando e enumerando os nós: o nó da dívida externa, o nó da inflação, o nó . . . etc. Mais cuidados, senhores publicitários oficiais, mais cuidado. **(V.L.)**

O DIREITO DOS CURIOSOS

A partir de agora, qualquer cidadão que presencie excessos cometidos por um policial nas ruas poderá tirar fotografias, anotar o número do distintivo do policial, perguntar-lhe o nome e até dizer-lhe o que achou de sua atitude - sem ser preso, o que é mais importante.

Na verdade, esse direito já lhe era garantido por lei, mas, até então, raramente aplicado. Esta semana, no entanto, foi feito um acordo entre a polícia e a União das Liberdades Civis. Lá em Nova Iorque. **(AF)**

TECNOCRACIA

Levei mais de uma hora explicando prum amigo meu que "desaquecimento da economia" não tem nada a ver com comer arroz-feijão frio, na fila da construtora pra ver se arruma emprego. Ou será que tem? **(E.M.)**

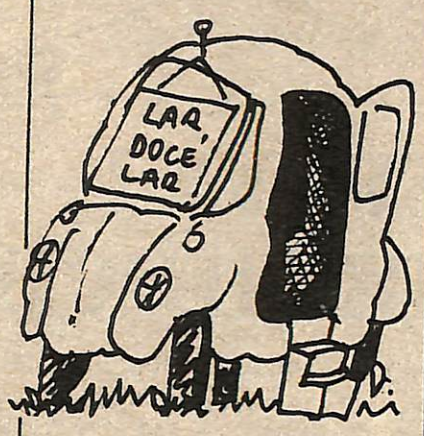
A ÚLTIMA DE MAMÃE

Neste País está faltando gente de bom senso (k.)

ANÚNCIO CRIATIVO

Saiu há alguns dias, lá nos classificados do **JJ**: "Pelo preço do terreno, vendemos casa "O KM" no Jardim Tarumã, com 5 cômodos e quintal... "

Prá mim não dá. **Tô** a fim é de um fusquinha com porão habitável. **(AF)**





PERFEITO

Teve o melhor bio-ritmo. Foi o mais polivalente. Enfim, foi o melhor dos brasileiros no jogo contra a Iusgoslávia.

Se eu fosse o Coutinho escalava sempre o Armando Marques. **(E.M.)**

QUESTÃO DE OVERLAPPING

Do técnico Cláudio Coutinho: "Eu quero ver a seleção jogando com o talento do brasileiro, com a velocidade dos alemães e com a solidariedade do futebol holandês".

Agora deu pra entender: o negócio dele é uma seleção brasilemandesa. **(AF)**

Big Brother rides again

"Não trabalhava aqui um general aposentado?" - seguiu-se um constrangedor silêncio, até que um dos presentes respondeu à pergunta do cônsul - geral americano Frederic Chapin. Ingenuamente, o diplomata reavivou a memória daqueles que estavam no gabinete do prefeito no último dia 24, quando visitou a cidade pela terceira vez, do recente desastre sofrido por Jundiaí.

Ele, que não é bobo nem nada, percebeu logo a gafe e mudou de assunto. Antes, havia conversado com o prefeito a respeito da situação da cidade, os problemas, as perspectivas. Foi realmente uma conversa, já que a maioria das informações eram apenas confirmadas.

Depois de passar pelo ABC, Guarulhos e Osasco no mesmo dia, Chapin, responsável pelos estados de São Paulo, Mato Grosso e Paraná, mais o cônsul Robert Bentley, vieram bater com os costados em Jundiaí. Essas visitas fazem parte do ritual do consulado, que precisa saber da situação geral para contar aos americanos interessados neste País.



Na ocasião da audiência com o prefeito, estiveram presentes alguns convidados, outros nem tanto, que meteram o bico na conversa falando de vários assuntos, inclusive o reatamento das relações com a cidade-irmã de Jundiaí. Trenton. Houve até uma demonstração de erudição do Leme do Prado com respeito a vinhos. A propósito, o cônsul Bentley é doido por vinho.

Além dessas amenidades, aconteceu conversa séria, como por exemplo, o potencial industrial da cidade. Depois do papo e de uma laranjada recusada, Chapin falou dos problemas das cidades industriais que visitou, como a falta de condições para absorver os migrantes, a carência de saneamento básico.

Agora, Chapin vai aos Estados Unidos. "Em férias", disse ele, que não sabe se vai continuar no Brasil. De qualquer forma, sua missão foi cumprida. Ele viu bastante, ouviu o suficiente para contar aos patrícios a verdadeira cor do milagre brasileiro. Sobre direitos humanos, ele se recusou a conversar com o indômito Décio, repórter do JJ. Eu queria perguntar quando a Rosalynn vai voltar, mas não tive coragem (Kazuo)

Aleijão, mora

A moçada resolveu apertar Gilberto Gil a respeito da situação (geléia geral) brasileira.

E a imprensa, inclusive a gente, saiu a toda, dizendo que o baiano não quer falar, tá despistando, coisas assim.

Pergunto: Gil precisa definir posições? Para a reação, não, pois ela já o catalogou – desdè maconheiro a desbundado (sem querer lembrar o que o artista passou, em outro idos, ele e Caetano).

Para mim, também não, que me lembro dele em "Louvação", em "Aquele abraço", em "Geléia geral", em "Oriente, rapaz", em "Refazenda". Por isso, acho safanagem cobrar alguma coisa dele. Aliás, me lembra uma interpelação feita a Júlio Cortázar a respeito de sua literatura "alienada, burguesa, não-engajada", ao que o escritor argentino respondeu: "Faço minha revolução na literatura, que é o meu campo. Com uma metralhadora na mão eu seria mais útil ao inimigo do que às minhas convicções.



Assim é com Gil. A revolução dele já está feita, continua sendo feita: basta que se ouça o que ele diz em sua arte.

Por que é que a moçada não vai cobrar posições do manco-moral Roberto Carlos? Do dedo-duro Simonal? Do incolor Ivan Lins? Do tutti-fruti Jorge Mautner? E de tantas e tantas casas de máquinas que estão aí lotando teatros e bolsos das gravadoras do livre som?

Repito: acho uma canalhice cobrar o que quer que seja de Gilberto Gil. Pra mim trata-se de um caso típico de "morbeza", um aleijão intelectual que só pode interessar aos algozes, cujas cruzes estão prontinhas pra receber um Cristo. Que se escolha outro, desta vez. **(E.M.).**



SOBRANÇA

A sobra do seu dinheiro cresce mais na APE Habitacional. Fica garantida por dois governos da Caixa Econômica. Engorda feito a Wilza Carla na Safra. Faz chover moedas na Haspa. Vira a fortuna do ministro Delfim Neto no Itaú. Se ciborguiza na Caixa Econômica Federal. Fica com a moça no Bradesco.

Agora eu pergunto: seu dinheiro sobra? **(E.M.)**

FUMAÇA EM RECESSO

Explicação do ministro da Aeronáutica sobre sua decisão de desativar a Esquadrilha da Fumaça para economizar combustível (saiu no **Jornal de Brasília**):

– Não é hora de fazer fumaça. (Pela transcrição, **AF)**



LIBERDADE DE OPINIÃO (I)

Do colunista Guilherme "Estamos na Praça" Enfeldt":

"O colunista já se manifestou várias vezes quanto ao câncer do divórcio. Segue a linha ruiana, por isso pede licença aos seus leitores que manifestações favoráveis a essa lei que amplia mais ainda o campo de menores abandonados já não terá vez neste espaço de jornal".

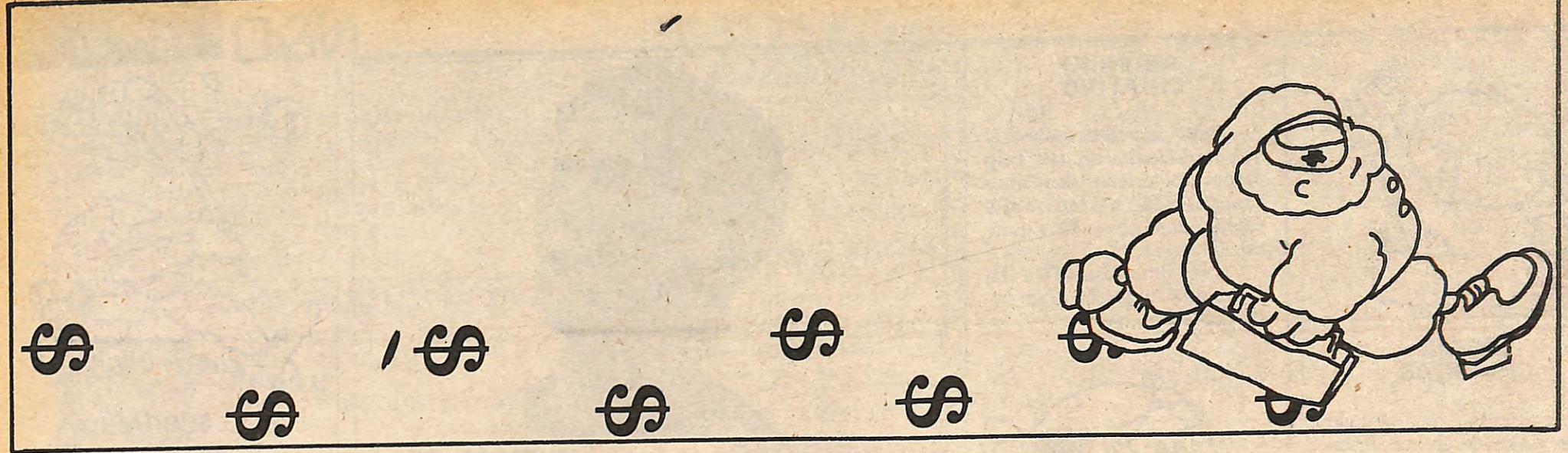
Está explicado aquele corre-corre de outro dia, na votação do projeto Nelson Carneiro. **(AF)**

LIBERDADE DE OPINIÃO (II)

Diz o bom Guilherme que "fique bem claro":

"Não é cerceamento da liberdade de pensamento, não é imposição que não aceitamos também (. . .)"

Já pensou se aceitasse? **(AF)**



O CRIME NO HOSPITAL SÃO VICENTE: DESVIO DE DINHEIRO

Agora, o relatório sobre o inquérito no Hospital São Vicente de Paulo será encaninhado à Justiça

Quem conhecia o passado de José Antonio Bertoni não deixou de sentir certa intranquilidade por ocasião de sua nomeação para administrar o Hospital São Vicente de Paulo. Suas atividades anteriores nunca deram um "curriculum" dos mais recomendáveis. E na semana passada, todas as suspeitas se transformaram em fatos.

Apesar da Prefeitura não estar muito disposta a municiar a imprensa quanto às investigações sobre a administração passada, o relatório da comissão de inquérito administrativo sobre o Hospital São Vicente chegou às mãos dos repórteres por vias indiretas. A constatação de 11 notas(total: . . . . . Cr$ 454.414,18) pagas para uma firma que nunca operou comercialmente foi o suficiente para aquilatar o quanto se usou o dinheiro para outros fins que não os legítimos. Mas não foi só isso.

Uma das testemunhas mais importantes ouvidas pela comissão de inquérito foi o contador do hospital, Cleber David Mattos. Inicialmente ele disse que as compras eram efetuadas sem controle, a preços elevadíssimos, pagando-se inclusive com cheque sem fundos. E não havia meio de impedir. Segundo ele, Bertoni administrava como um ditador. Queria resolver tudo sozinho, levando o hospital à mais completa desorganização.

Cleber falou que Bertoni era muito frequente na retirada de vales, como alguns outros, por causa de atraso no pagamento dos salários. E foi ele quem solicitou o cheque de . . . . . Cr$ 75.010,00 para pagar uma compra feita à Yazul – Produtos Químicos e Cirúrgicos. Acontece que essa firma nunca operou comercialmente e, por isso, as mercadorias nunca entraram no almoxarifado do hospital. E o cheque, feito ao portador, apareceu na conta bancária pessoal do administrador.

Em outras ocasião, Bertoni mandou Cleber preparar um cheque de Cr$ 11.790,00, também ao portador, dizendo que era para comprar remédio para o hospital. Ele nunca prestou contas sobre o destino que teve o dinheiro. Quanto ao uísque, o contador afirmou que Bertoni alegou apenas "que era de interesse do hospital".

No setor do almoxarifado, o administrador também estendeu seus longos tentáculos. Eduardo Rodrigues Negrão, que é almoxarife do hospital desde fevereiro de 1974, esclareceu que todas as compras eram deliberadas por ele e o capitão Martins. Mas quando Bertoni assumiu o lugar do capitão, um de seus primeiros pronunciamentos foi que "ali não precisava de licitação, concorrência, nem tomada de preços para a aquisição de qualquer material".

Assim, começou a fazer as compras de pequeno valor. A etérea Yazul só conhecia através das notas, inclusive chegou a tentar descobrir que firma era essa, mas não obteve qualquer resultado positivo. Inclusive não podia carimbar as notas quando da entrada das mercadorias no hospital porque isso nunca aconteceu.

Esta versão da misteriosa Yazul é confirmada por Jorge Carmo Spinella, auxiliar de almoxarifado, que estranhou muito uma compra efetuada por Bertoni. Ele adquiriu o produto "Sterlaine" por Cr$ 314,98 o galão, enquanto havia um similar, "Duo Cid", com as mesmas características, que custava apenas Cr$ 48,00.

Spinella disse ainda que "de modo geral todo material era comprado pelo dobro do preço, havendo inclusive compras desnecessárias, como a grande quantidade de filmes de radiografias, grande parte devolvida posteriormente", (Uma informação: é uma praxe mais ou menos generalizada por parte das indústrias, a concessão de comissões aos responsáveis pelas grandes compras).

Depois de cometer tudo isso, acabou o mandato da administração municipal passada. Em abril deste ano, segundo informou a tesoureira Cleuza Maria Gomes, Bertoni acertou suas contas com o hospital, por determinação do diretor Mário Tresmondi. Esse acerto foi o golpe final: o ex-administrador resgatou todos os cheques dados como garantia dos vales que tinha retirado.

De todos os implicados nesse caso, o capitão José Rodrigues Martins foi o único a apresentar sua defesa, fazendo inclusive alguns reparos nas suas declarações anteriores. Conforme explicou, suas afirmações não foram todas verdadeiras, por causa das circunstâncias do momento em que foi depor.

Sua única participação comprovada foi por ter assinado o cheque de Cr$ 75.010,00, juntamente com Bertoni. Sobre isso, esclareceu ter se tratado apenas de um procedimento normal, já que havia a assinatura do seu superior hierárquico, no caso o administrador Bertoni,. Quanto à Yazul, o capitão Martins ratificou dizendo que desconhecia o recebimento de materiais dessa firma, e não sua existência.

POPE FIGUEIREDO

Em suas declarações, o contador Cleber David Mattos disse que a firma Pope Figueiredo, contratada para fazer um trabalho no hospital, distribuiu um questionário a todos os funcionários para ser preenchido. Ninguém foi buscar os questionários, mas seus serviços, num montante de Cr$ 450 mil, acabaram pagos.

Esse incidente foi a causa do afastamento do cargo de administrador do capitão Martins, que se recusou a assinar o cheque de uma das parcelas de Cr$ 450 mil destinados à Pope Figueiredo. Além disso, acrescentou que todos os cheques por ele assinados sempre tiveram como responsáveis seus superiores, o Dr. Arnaldo Martins dos Reis, Dr. Paulo de Luna Pinheiro e José Antonio Bertoni.

CONSEQUÊNCIAS

Não é difícil admitir que todas essas irregularidades estão intimamente ligadas com os problemas por que passou o Hospital São Vicente e suas extensões, o Pronto Socorro e o serviço médico das Unidades de Serviço, refletindo na Faculdade de Medicina de Jundiaí.

E também não é difícil estabelecer uma similitude com a maioria dos atos da administração passada. A concorrência vencida pela Andrade Gutierrez, os altos preços de seus serviços, a não prioridades das avenidas do Sistema Viário que acabaram construídas e até o recapeamento e pavimentação de muitas ruas da cidade não são fatos isolados. Como pôde uma administração desse gênero terminar seus dias naturalmente, apesar das denúncias ocorridas, é uma pergunta que talvez só a História possa responder mais tarde. Tudo o que aconteceu foi às vistas das então autoridades municipais, coniventes e, em alguns casos, autoras.

Era esse tipo de política que queriam perpetuar em Jundiaí. Aqui eles fracassaram, mesmo usando a arma torpe das acusações como subversivos aos que ousaram denunciar as irregularidades, que estão surgindo à tona do conhecimento público. Mas resta um fato indesmentível e profundamente lamentável: sozinhos, eles não teriam conseguido nada. **(C.K.I.)**

OS ACUSADOS

No relatório da comissão, que também descobriu assinaturas não coincidentes, foram responsabilizados, pelas irregularidades no Hospital São Vicente de Paulo:

BERTONI
José Antônio Bertoni, ex-administrador, por desvio de dinheiro e negociações com firmas inexistentes. Ao que consta, este cidadão nunca exerceu qualquer cargo semelhante e nem tinha habilitação para fazê-lo.

MARTINS
Capitão José Rodrigues Martins, por ter assinado os cheques, embora não sabendo. O capitão Martins foi o único a se defender, apesar de todos os envolvidos terem sido convidados a fazê-lo.

REIS
Dr. Arnaldo Martins dos Reis, ex-secretário da Saúde e superintendente do Hospital São Vicente de Paulo, por causa da assinatura nos cheques para a Yazul. Candidato oficial do então prefeito Ibis Cruz, não conseguiu se eleger.

PINHEIRO
Dr. Paulo de Luna Pinheiro, ex-diretor de Saúde no Município, por ter assinado os cheques destinados à Yazul. Quando o titular da secretaria estava impedido, por viagens ou na época das eleições, Luna respondia pelo setor.